



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**PAÍS DO FUTEBOL... FEMININO? A (IN)VISIBILIDADE
DAS MULHERES NAS QUATRO LINHAS**

GABRIELLA PEREIRA TELLES

RIO DE JANEIRO

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**PAÍS DO FUTEBOL... FEMININO? A (IN)VISIBILIDADE
DAS MULHERES QUANDO NAS LINHAS**

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social/ Jornalismo.

GABRIELLA PEREIRA TELLES

Orientadora: Profa. Dra. Gabriela Nóra Pacheco Latini

RIO DE JANEIRO
2005

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **País do Futebol... Feminino? A (In)Visibilidade das Mulheres Nas Quatro Linhas**, elaborada por Gabriella Pereira Telles.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientadora: Profa. Dra. Gabriela Nóra Pacheco Latini
Doutora em Comunicação pela Escola da Comunicação - UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

Profa. Dra. Cristiane Henriques Costa
Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

Profa. Dra. Patrícia Cardoso D'Abreu
Doutora em Comunicação pelo Instituto de Arte e Comunicação - UFF
Departamento de Comunicação - UFRJ

RIO DE JANEIRO

2017

FICHA CATALOGRÁFICA

TELLES, Gabriella Pereira.

País do Futebol... Feminino? A (In)Visibilidade das Mulheres
Quando Nas Linhas. Rio de Janeiro, 2017.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação
– ECO.

Orientadora: Gabriela Nóra Pacheco Latini

TELLES, Gabriella Pereira. **País do Futebol... Feminino? A (In)Visibilidade das Mulheres Nas Quatro Linhas.** Orientadora: Gabriela Nóra Pacheco Latini. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

Este trabalho aborda a imagem da mulher jogadora de futebol na mídia brasileira. Analisando a história do futebol e sua intrínseca relação com a imprensa no Brasil, a pesquisa busca entender a inserção da mulher na modalidade e a forma desigual com que a mídia trata homens e mulheres que jogam futebol. Procura-se compreender também o atraso no desenvolvimento do futebol feminino no local que é considerado o “país do futebol”. O estudo justifica-se com base nas questões de gênero, nos preconceitos contra a mulher e nos discursos propagados pela mídia, que aumentam ainda mais o sexismo dentro do esporte.

Aos meus avós Rosa e Edvaldo que me ensinam diariamente o que é o amor.

AGRADECIMENTOS

Desde pequena fui ensinada a sempre agradecer por tudo na minha vida. Chegar até aqui não foi uma tarefa fácil, duvidei de mim mesma muitas vezes. Mas, para a minha sorte, pude encontrar pessoas no meu caminho que não me deixaram abaixar a cabeça nem por um minuto.

Por isso, começo, primeiramente, agradecendo a Deus por colocar esses anjos na minha vida. É também por causa Dele que consegui reunir forças nos momentos em que mais fraquejei e pude lembrar que a vida é feita de muito mais. Obrigada por me dar a oportunidade de estar aqui tentando fazer a diferença. Jamais terei palavras suficientes para agradecer.

Gostaria também de agradecer a ECO-UFRJ por me ajudar a me tornar a pessoa que sou hoje. Quando cheguei na Praia Vermelha, há quatro anos, era uma menina de 19 anos cheia de medo, mas com muita vontade de enfrentar o desconhecido. Faculdade pública sempre foi um sonho para mim e, quando esse sonho se realizou, entendi que a universidade não é somente um local para aprender, mas também para crescer. Hoje, com 22 anos, entendo o quanto cada um que vive ou viveu dentro do campus foi importante na minha caminhada. Cada pessoa que cruzou o meu caminho no corredor, cada professor que me deu aula, e também os terceirizados da CPM que me colocavam um sorriso no rosto toda vez que eu chegava às 7h30min, cansada e com sono, com o pagode que eu adoro nas alturas.

Por falar em professores, quero deixar esse espaço para a minha mais que querida professora e orientadora-xará Gabriela Nóra, que acreditou desde o começo que eu seria capaz de concluir este trabalho mesmo com todas as adversidades nos caminhos. Obrigada por me lembrar que o importante é estar com o sorriso no rosto, se manter positiva e disposta a encarar o que a vida coloca na nossa frente. O meu respeito por você como pessoa e professora é infinito.

Aos meus amigos que tive a oportunidade de conhecer dentro da sala de aula, a minha mais sincera gratidão. Nomeio aqui os primeiros rostos que conheci quando ainda era apenas uma caloura nos contêineres do campinho: Thauan Pereira, Marcos Gil, Caio Blois e Victor Abrahão, meus companheiros de sala e também de transporte público, que saíam todo dia comigo às 22hrs da noite e que vou levar para sempre no

meu coração. Ainda no ciclo básico, preciso agradecer ao Rener Pinheiro e à Gabrielle Lancellotti, que se aproximaram de mim depois, mas não deixam de ter a devida importância.

Também não posso esquecer das pessoas maravilhosas que pude ficar mais próxima quando entrei de fato na habilitação de jornalismo. Caio César, Adriele Pereira, José Augusto, Guilherme Barbosa, Esperanza Mariano e Wallace Nascimento, vocês também fazem parte da minha caminhada.

Com lágrimas nos olhos, agradeço às minhas melhores amigas Camilla Costa e Elisa Paixão. Camilla, a primeira pessoa que eu encontrei no primeiro dia de aula antes mesmo de entrar na sala. Não tenho como citar todas as coisas que vivemos juntas dentro da ECO, mas sei que serão inesquecíveis. Elisa, minha grande companheira da Zona Oeste, o que seria de mim sem esse seu jeito doido e o seu hotel que me abrigou por tantas vezes? Sei que nosso ciclo na faculdade acabou, mas tenho a plena confiança de que a nossa amizade não se encerra aqui.

Deixo a minha gratidão também à minha equipe no Esporte Interativo, representada aqui pelos meus queridos amigos Winnie Fiori e Rodrigo Feijó, que me ajudaram muito nas últimas semanas de conclusão desse trabalho e sempre me lembraram do que sou capaz.

Aos meus pais, Rose e Alecir, e irmã, Thaís, obrigada pela confiança e principalmente pela paciência nos dias em que eu estive estressada, cansada e aborrecida. Sem o amor e o carinho de vocês eu nada seria. Foram noites mal dormidas, festas de família que não pude ir e momentos em que eu pensei que não ia conseguir. Vocês, como sempre, estavam lá.

Por fim, mas jamais menos importante, agradeço ao amor da minha vida, Matheus Quelhas, que ouviu meus choros, reclamações e incontáveis dúvidas librianas sem reclamar nem por um segundo. Meu amigo, meu companheiro, meu confidente, meu amor, como sou grata por você ter aparecido na minha vida. Um ser cheio de luz que me motiva e me inspira a querer ser sempre melhor. Que não me deixa esquecer nunca que eu posso fazer mais. Que me ensina todo dia a caridade, o amor e o respeito. Que me faz dar o sorriso mais sincero toda vez que olho para ele. Sem você com certeza eu não chegaria aqui.

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO

2 - FUTEBOL E IMPRENSA: UM CASAMENTO QUE DEU CERTO

2.1 - A chegada do futebol no Brasil

2.2 - O papel da imprensa na popularização do futebol

3 - A MULHER BRASILEIRA NO ESPORTE: ENTRE A FEMINILIDADE E A ILEGALIDADE

3.1 - A história da mulher no esporte

3.2 - Futebol feminino: a modalidade proibida

4 - AS QUESTÕES DE GÊNERO E A REPRESENTATIVIDADE DA MULHER NO FUTEBOL

4.1 - O “ser mulher”

4.2 - O espaço oculto na mídia e o surgimento de caminhos alternativos

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

6 - BIBLIOGRAFIA

1- INTRODUÇÃO

É correto afirmar que toda mulher está sujeita ao machismo, ainda que, para alguns, a opressão de gênero seja apenas uma invenção. Mas de invenção não tem nada. Seja na vida profissional, na ausência de representatividade na política, nos relacionamentos abusivos, na violência doméstica, na maternidade, na incansável busca por padrões estéticos, entre outros, a sociedade persiste em separar homens e mulheres. E elas, é claro, tornam-se vítimas do sexismo e da exclusão.

No campo esportivo, não há dúvidas de que o futebol, esporte mais praticado no mundo, é um campo tradicionalmente machista. Seja dentro das quatro linhas ou nas cabines de transmissão, as mulheres encontram dificuldades quando querem fazer parte deste universo. Expressões como “futebol é coisa pra macho” reforçam o ambiente em que o esporte se desenvolveu no Brasil. Mas como a modalidade não abrange somente o campo esportivo, mas também o sociocultural, os valores nela embutidos estabelecem uma ordem a qual se espera ser confirmada. A entrada das mulheres no campo seria uma afronta a essa ordem estabelecida pelo domínio masculino. As reações daí recorrentes expressam as relações de gênero em cada sociedade. Quanto mais machista, maior a oposição.

O Brasil tem a fama de ser o país do futebol. E de fato grande parte da população acompanha o esporte, vibra junto com a Seleção e se emociona diariamente com o seu time e com os seus ídolos. Mas o cenário só é este quando se trata de futebol masculino. Ao feminino restam apenas as pequenas notas. Tais posturas nos permitem entender porque o futebol feminino é quase inexistente no Brasil. A mídia, que deveria cumprir o papel de informar de forma igualitária, é só mais um reflexo da sociedade patriarcal em que o futebol se desenvolveu, e na qual grande parte do mundo ainda se encontra. Marta, jogadora brasileira referência mundial quando se fala em futebol feminino, eleita cinco vezes a melhor do mundo, não recebe nem metade da atenção que qualquer jogador de futebol recebe na mídia tradicional. Além disso, os estereótipos impostos pela mídia reafirmam a ideia de fragilidade das esportistas, ao mesmo tempo em que há uma tentativa de masculinizá-las, como quando insistem em dizer que Marta é o “Pelé de saia”.

Mesmo no atual mundo em que vivemos, onde o casamento já não é mais uma obrigação de toda mulher e elas cada vez mais buscam alavancar a vida profissional e serem independentes, a sociedade parece ainda não ter aceitado o fato de as mulheres poderem, sim, estar presentes em todos os espaços que até então eram dominados pela presença masculina. Apesar de o caminho ser longo, muito já foi feito.

Desta forma, por meio da revisão bibliográfica e de entrevista, este trabalho procurará entender por quais motivos a mídia, em suas mais variadas formas, oferece pouco ou quase nenhum espaço para o futebol feminino. Este artigo também abordará a linguagem machista que muitos veículos insistem em manter. As questões de gênero serão fundamentais para entender essas indagações que envolvem o futebol feminino, principalmente por parte da mídia, que ainda fala sobre as atletas fazendo referência aos seus corpos ou sua beleza, e, muitas vezes, questionam sua capacidade de jogar. A partir de então, a pesquisa tentará mostrar que essa falta de visibilidade não é atual. Os problemas que envolvem o futebol feminino existem desde os anos da ditadura, quando as mulheres foram proibidas de jogar futebol porque o esporte ia de encontro com a imagem que era esperada das mulheres, a da moça gentil, educada e feminina.

É importante destacar esse assunto para que o futebol passe a ser um ambiente de mais igualdade, seja no campo, nas arquibancadas ou dentro das redações esportivas. A paixão nacional e mundial, que une diversos povos e culturas, também deve fazer parte do cotidiano das mulheres. Os direitos são iguais, as mulheres não vivem mais às sombras de seus maridos e o mundo também não é mais o mesmo. A diversidade de gênero já é uma realidade e, por isso, é preciso lembrar que o futebol deve ser um espaço de união e não de segregação, seja ela qual for.

O primeiro capítulo abordará a importância que o futebol tem para os brasileiros e o papel fundamental que a mídia exerceu e ainda exerce na fomentação desse esporte. Em um primeiro momento, será traçado um panorama histórico sobre a chegada do futebol no Brasil. Partindo dos conceitos de Fábio Franzini e Simoni Guedes, veremos que vindo como produto de exportação dos ingleses, o esporte praticado com a bola nos pés não encontrou, no início, um ambiente de aceitação. Apesar da estranheza, aos poucos o futebol foi cativando a atenção dos brasileiros. Mas isso não quer dizer que era praticado por todas as classes da sociedade. A elite, que era a primeira a ter contato com o que vinha de fora, lutou de diversas maneiras para não permitir que as classes

populares pudessem jogar futebol também. Nas classes mais baixas, destaca-se a figura do negro que sofreu com inúmeras proibições e preconceitos, fruto de uma sociedade que ainda apresentava traços escravocratas. Mesmo assim, o futebol se popularizou e ganhou cada vez mais força.

Em seguida, o trabalho mostrará como essa popularização se potencializou no Brasil. A mídia foi imprescindível para o futebol chegar ao patamar em que está hoje. Com base nos estudos principalmente de Paulo Vinícius Coelho, será possível ver que, no começo, como a modalidade não era vista com bons olhos, a imprensa não concedia tanto espaço para a divulgação das partidas. Mas, conforme o futebol foi garantindo o seu espaço no país, a mídia também se desenvolveu. Diversos jornais e revistas especializados no tema foram criados, ainda que muitos não tenham durado muito tempo. É também no campo da mídia que se desenvolvem as crônicas de futebol, peças fundamentais para aumentar a aproximação do público, visto que os textos eram carregados de emoção e romantismo. Além disso, os meios de comunicação proporcionam o surgimento, a propagação e a manutenção dos ídolos, que são os jogadores que se destacam de alguma forma e acabam se tornando heróis nacionais.

A relação entre mulher e esporte será abordada no segundo capítulo. Aqui, será possível ver que, de uma forma geral, a história do envolvimento feminino com o esporte é marcado por muitas rupturas e regressões. Por muito tempo a prática esportiva teve o domínio masculino, visto à que a imagem da mulher era definida como algo que merecia cuidados e estava atrelada a graciosidade. Conforme as pesquisas de Silvana Goellner ajudarão a mostrar, mesmo quando há uma pequena mudança neste cenário, e a participação das mulheres no esporte é vista como uma forma de manter a sociedade forte tanto fisicamente quanto moralmente, algumas modalidades permanecem proibidas. É por conta de um Decreto-Lei que as mulheres brasileiras ficam por mais de 20 anos sem terem a possibilidade de praticar esportes tidos como “pesados” que afrontavam a feminilidade das mulheres, como é o caso do futebol.

Ainda dentro do segundo capítulo, será traçado um panorama histórico do futebol feminino. Nele, será abordada a maneira como o futebol se apresentou para as mulheres e os primeiros clubes que marcaram a história por serem pioneiros no exercício do futebol feminino. Paralelamente a esse contexto, será mostrado os momentos em que a mídia apareceu para falar sobre mulheres jogando futebol. Desde os

primórdios, a linguagem, além de machista, muitas vezes era acompanhada de tons irônicos e cômicos, que mostravam as partidas como se fossem apresentações circenses. Ludmilla Mourão, Márcia Morel e Teresa Cristina Cunha ajudarão a explicar essas questões, além das consequências que resultaram da proibição que afastou as mulheres dos campos por muito tempo.

O terceiro capítulo será dedicado inicialmente às questões de gênero. Para tentar explicar este complexo assunto, Simone de Beauvoir, Judith Butler e Guaciara Lopes Louro serão as principais autoras que embasarão os conceitos que serão apresentados neste último capítulo. A definição de gênero ainda divide muitas opiniões, mas é consenso geral que não é correto separar o que é “masculino” e o que é “feminino”. Atualmente, entende-se gênero em sua multiplicidade. Se antes o gênero era binário (masculino e feminino) e baseado nas relações de poder, os estudos apresentados neste tópico mostrarão que essa divisão só reforça as desigualdades entre homens e mulheres que também estão presentes no esporte, como poderá ser visto em exemplos selecionados para a análise.

Por fim, a segunda parte deste último capítulo será responsável por trazer a pouca visibilidade dada pela mídia ao futebol feminino. Pautada pelas questões de gênero anteriormente explicadas e pelas pesquisas de autores como Juliana Souza e Jorge Knijink este subcapítulo mostrará que, mesmo com os avanços, se comparados aos primeiros anos de futebol no Brasil, a imprensa ainda sim trabalha com um discurso que não está interessado nas conquistas das mulheres, mas sim em submetê-las aos padrões ligados ao corpo e à sexualidade, objetificando e menosprezando as jogadoras e também as torcedoras. Contudo, recentemente, a internet e principalmente as redes sociais têm se mostrado ótimas aliadas do futebol feminino. Cláudia Kessler vai ajudar a reforçar a ideia de que sites, blogs, páginas no Facebook e contas no Twitter e no Instagram têm se tornado ferramentas de divulgação da modalidade, tentando suprir a grande lacuna deixada pela mídia tradicional.

2- Futebol e imprensa: um casamento que deu certo

Se Euclides da Cunha fosse vivo teria preferido o Flamengo a Canudos para contar a história do povo brasileiro, já dizia Nelson Rodrigues, um dos grandes cronistas que transformaram os jogos de futebol em poesias líricas nas páginas dos jornais brasileiros. Esse esporte, grande paixão nacional, deve uma boa parte do seu sucesso aos meios de comunicação que fomentaram ainda mais a sua popularidade no país.

2.1 - A chegada do futebol no Brasil

Se no Brasil o futebol mostrou-se pela primeira vez somente em 1894, na Inglaterra, seu país de origem, no início do século XIX, o esporte, cujas raízes vêm da Idade Média, começava a ser normatizado pelos ingleses, e alastrava-se aos poucos pelas escolas e universidades. Fábio Franzini, em seus trabalhos sobre esporte e lazer, conta que dessa forma, o que era somente um simples jogo passou a ser esporte, ganhando regras universais bem definidas e uma estrutura organizacional que permitia o seu cumprimento e administrava as competições entre as equipes.

Ainda segundo o autor, naquela época, entretanto, havia outra modalidade que dividia as atenções na Inglaterra: o rugby. Se na Rugby School os jogadores carregavam a bola com as mãos, em outros lugares do país ela era carregada com os pés. Logo, como criar regras para duas formas diferentes de lidar com o elemento central do jogo: a bola? Foi então que em 1846, nasceu o Rugby, ano que a instituição de mesmo nome estabeleceu seu conjunto de regras, criando, depois, a Rugby Football Union, e mais tarde, em 1863, nasceu o *association football*, fruto da união entre doze clubes que passaram a ser regidos por regras de uma entidade maior, a Football Association (FRANZINI, 2009, p.107).

Franzini também relata que foi neste período que os princípios básicos do jogo foram aperfeiçoados para que todos pudessem praticá-lo da mesma forma com número limitado de componentes em cada equipe, dimensões do campo delimitadas, tempo de jogo e principalmente o que era ou não permitido durante a partida. Para controlar melhor a partida, surge então, em 1872, a figura do árbitro, que passa a exercer a função de discernir o que era certo e o que era errado durante os jogos.

Enquanto ambos os esportes ganhavam suas regras e regulamentações, eles também se tornavam cada vez mais populares em solo inglês. O rugby, principalmente entre a alta sociedade, e o *association*, entre o meio operário, o que facilitava o distanciamento entre o topo e a base da sociedade. Nessa base, o que interessava era reconstruir e recriar referências socioculturais em um mundo instável, o que levou o *association* a encontrar um bom aliado, já que “por ser um esporte praticado em equipe e poder ser jogado em qualquer condição, a modalidade consegue criar vínculos de identidade plenos de carga efetiva” (SEVCENKO apud FRANZINI, 2009, p. 109). Deste modo, a modalidade subverteu sua origem, que nasceu nas classes mais altas, transformando-se na religião da classe operária.

No mesmo período em que o rugby e o *association* conquistavam espaço na Inglaterra, o capitalismo ganhava cada vez mais força. Os ingleses se faziam presentes por toda a parte do mundo e integravam povos e culturas. E o futebol, é claro, não seria excluído dessa integração. De acordo com o escritor Eduardo Galeano, o que se via sendo jogado com os pés dos ingleses se transformou em um “produto de exportação tão tipicamente britânico como os tecidos de Manchester, as estradas de ferro, os empréstimos do banco Barings ou a doutrina do livre comércio” (GALEANO apud FRANZINI, 2009, p.111).

Inflamado por esta onda que tomava conta do globo, o Brasil não ficou de fora. Por volta de 1850, quando a monarquia instaurou sua estabilidade política, já era possível notar traços do sistema econômico capitalista em solo brasileiro, que perpetuou (e perpetua até hoje) por muitos anos trazendo mudanças estruturais, mudanças no cotidiano urbano e aproximando ainda mais a relação com os ingleses, como bem retratou Eça de Queiroz:

No Brasil, as cidades eram as cabeças de ponte do mundo moderno. Grupos urbanos procuravam aproximar-se o máximo possível dos exemplos europeus de organização econômica, estrutura social, atitudes e modo de viver. Os brasileiros se habituavam a consumir comida estrangeira, a usar remédios patenteados para curar suas moléstias, a perfumar-se com novas essências, a encher suas casas com móveis estranhos e novidades em artigos sanitários [...], tudo porque os europeus davam exemplos (QUEIROZ apud FRANZINI, 2009, p. 112).

Na medida em que o capitalismo avançava no Brasil, a relação com o que era trazido principalmente do continente europeu acabou aumentando. Dentre os produtos e

costumes que vieram como importação, os *sports* estavam incluídos, e dentro deles, o então *association*. Os primeiros chutes vistos com a bola nos pés, no Brasil, foram dados pelos marinheiros ingleses no litoral. Rapidamente o movimento se espalhou e, nos anos 1880, já era possível ver o esporte nas escolas jesuítas, onde estudava parte representativa da elite do estado de São Paulo. Ali, professores e alunos tinham o costume de se juntar em torno de uma bola, e no final da década, já estavam praticando o agora denominado *football* (ou futebol). Foi esse contato com o futebol nas escolas que fez com que muitos procurassem outras formas de continuar jogando mesmo depois de formados.

O paulista Charles William Miller foi um deles: em 1894, após passar dez anos estudando na Inglaterra, país natal de seus pais, voltou a São Paulo munido de um livro de regras do, duas bolas para sua prática, uma bomba de ar para enchê-las, um par de chuteiras, uma camisa do time do Banister Court School e outra do Saint Mary's Football Club. [...] Outro foi o carioca Oscar Cox, que conheceu o futebol durante seus estudos no Collège de La Ville, em Lausanne, na Suíça, e, ao retornar ao Brasil, em 1897, também não deixou de incluir uma bola em sua bagagem. (AQUINO 2002; KLEIN & AUDINO, 1996 apud FRANZINI 2009, p. 113)

Conforme relata Franzini, a atividade mobilizava os brasileiros país adentro e se tornava cada vez mais comum, principalmente na virada do século XIX para o XX. Mas apesar da velocidade, o esporte encontrou barreiras antes de se firmar na terra tupiniquim. Era verdade que o futebol e suas características causavam estranheza nos cidadãos, visto que nos grandes centros urbanos o remo¹ e *turf*² eram os esportes mais praticados e neles necessariamente existe um vencedor. Como poderia um jogo terminar empatado?

No Rio de Janeiro, capital brasileira naquela época, Oscar Cox, um dos propulsores do futebol no país, realizou, em 22 de setembro de 1901, uma das poucas partidas de futebol que conseguira, disputada entre jovens brasileiros e os sócios do Rio Cricket Club que, apesar do nome, tem sede localizada em Niterói (RJ). Na repercussão do jogo, o historiador e professor Leonardo Affonso Miranda Pereira conta que dos

¹ Remo: É um esporte de velocidade, praticado em barcos estreitos nos quais os atletas sentam sob bancos móveis, de costas para a chegada e, usando braços, tronco e pernas, movem o barco o mais depressa possível. Disponível em: <<http://www.remobrasil.com/remo/o-que-e-o-remo>> Acesso em: 10/05/2017

² Turf: Esporte que promove e incentiva corrida de cavalos. Envolve o treinamento, competição e apostas. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/turfe.htm>> Acesso em: 10/05/2017

grandes jornais, apenas o Correio da Manhã³ noticiou, em um pequeno espaço na coluna dos esportes, o evento organizado por Cox. O autor da nota até elogia Oscar Cox, mas não esconde o fato de a partida ter ficado na indecisão. O resultado levou a outro encontro entre as equipes, só que mais uma vez deixou a desejar:

O jogo de desempate, realizado no domingo seguinte, só pioraria a situação; novamente, ele ficaria “indeciso, como na primeira vez”, tendo cada time marcado dois gols. É acertado por isso outro jogo para o domingo seguinte, às quatro e meia da tarde. A partida também terminaria empatada, sendo anunciado outro desempate para o domingo seguinte. Se esse novo encontro realmente existiu, não se sabe; o cronista parecia, porém, ter desanimado diante de tanta “indecisão” e passa a não dar mais notícias a respeito (PEREIRA apud FRANZINI, p. 115)

Assim como o cronista do Correio da Manhã, outro grande nome da literatura brasileira também não acreditava que o futebol faria sucesso em solo nacional. Graciliano Ramos, no início do século XX, chegou a afirmar com certeza que o que vinha de “fora” não funcionaria no Brasil. “Futebol não pega, tenho certeza; estrangeirices não entram facilmente na terra do espinho” (RAMOS apud COELHO, 2013, p.7).

Àquela altura, entretanto, o futebol já avançava demais pelo o país, e em 1895, cinco clubes já haviam sido criados em São Paulo especialmente para a prática da modalidade: São Paulo Athletic, Associação Athletica Mackenzie College, Sport Club Germania, Sport Clube Internacional e Club Athletic Paulistano. Desses cinco, também nasceu, em dezembro de 1901, a primeira liga de clubes do país, que, no ano seguinte, começaria a promover o Campeonato Paulista de futebol (FRANZINI, 2009, p. 116).

Assim como em São Paulo, o desejo de expandir o futebol também estava vivo no Rio de Janeiro. Na cidade carioca, Oscar Cox queria fundar seu próprio clube e fomentar ainda mais o esporte na capital da República. Segundo os relatos de Leonardo Affonso de Miranda Pereira, a ideia de Cox veio após uma partida entre paulistas e cariocas, realizada em julho de 1902, com resultados de 2 a 2 e 0 a 0, em que ele se comprometeu a estimular, da mesma forma como vinha ocorrendo em São Paulo, a criação de clubes futebolísticos quando voltasse ao Rio de Janeiro. O resultado disso foi

³ Correio da Manhã: Foi um jornal matutino veiculado na cidade do Rio de Janeiro. Fundado por Edmundo Bittencourt, iniciou seus trabalhos em 15 de junho de 1901 e foi extinto em 8 de julho de 1984. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CORREIO%20DA%20MANH%C3%83.pdf>> Acesso em: 10/05/2017

a fundação do Fluminense Football Club, em 21 de julho de 1902, primeiro dos atuais quatro grandes clubes cariocas a ser exclusivamente futebolístico. Isso porque os outros três, Flamengo, fundado em 1895, o Vasco, fundado em 1898, e o Botafogo, fundado em 1894, dedicavam-se às regatas⁴ (tanto que os clubes levam a palavra regata no nome: Clube de Regatas do Flamengo, Clube de Regatas Vasco da Gama, Botafogo Futebol e Regatas).

Nos estudos sobre esporte de Franzini, foi neste momento que o futebol, também na capital, deixava de ser divertimento dos ingleses e seus descendentes e passava a ampliar seu alcance. De bairros da Zona Sul carioca, como Laranjeiras e Botafogo, aos da Zona Norte do Estado, como Aldeia Campista a Cascadura, o esporte caía nas graças da população “em um movimento que faria com que, no fim de 1906, já houvessem sido fundados mais de trinta clubes”. (PEREIRA apud FRANZINI, 2009, p. 120).

Apesar da crescente em que vinha o futebol no país, esse esporte ainda era um produto de importação vindo da Inglaterra, e portanto, inicialmente, um privilégio das elites. Ricardo Pinto dos Santos lembra que naquela época ser jogador de futebol era ser chique. Se tornar um *sportsman* era agregar valor à moderna sociedade que surgia. O termo *sportman* estava associado aos filhos de famílias ricas e que convergiam para a modernidade, ou seja, aqueles que faziam parte das elites e que praticavam esportes, como relatavam os jornais pelo Brasil na época. Em 1904, na cidade de Belo Horizonte, uma publicação do jornal Minas Geraes (periódico oficial da época do Estado de Minas Gerais) dizia em sua edição dos dias 03 e 04 de outubro: “ante-hontem foi disputado mais um match de football no campo desta novel sociedade, perante tão numerosa quão fina roda de distintos *sportmen* e *gentis sportwomen*”(apud FRANZINI, 2009, p. 189). Vale ressaltar aqui a referência às mulheres no ambiente futebolístico. Essas “*gentis sportwomen*” provavelmente representavam as moças que acompanhavam o esporte de uma forma geral e também o *football*.

Reiterando a ideia de Ricardo Pinto dos Santos, em alguns lugares do país, as ligas de futebol, responsáveis por gerir a modalidade no local, tinham como um dos objetivos excluir todo e qualquer perfil que estivesse fora do padrão considerado como

⁴ Regatas: Competição de barcos a vela ou a remo. A vela é o nome dado ao desporto que envolve barcos movidos exclusivamente por propulsão à vela, onde se emprega somente a força do vento como meio de deslocamento. Disponível em: <<http://www.lazer.eefd.ufjf.br/espsoc/pdf/es305.pdf>> Acesso em: 09/05/2017

“ideal” para o progresso modernizador do Estado. Ou seja, excluir quem estivesse fora do perfil de um *sportman*. Perfil esse que se espalhava pelo território nacional, tanto para os desportistas quanto para os espectadores e espectadoras de uma partida de futebol. Através de um trecho de 1919 retirado do jornal O Sportivo⁵, é possível notar um bom exemplo dessa proposta:

A remodelação dos quadros sociais, problema em evidência atualmente no meio desportivo, é uma necessidade inadiável. Não consideramos a violência de uma medida abruptamente posta em prática, mas o que ninguém poderá negar é que tais elementos, o football natalense jamais se elevará no conceito geral. Para justificar a afirmativa de que Natal é uma cidade desportiva, temos agora o *tennis* como o desporto da moda, o jogo chic e elegante. (O SPORTIVO apud SANTOS, 2009, p. 127)

Fica claro então, a partir dessa reportagem, que para as ligas, as camadas populares deveriam ficar de fora do ambiente esportivo, visto que eles não eram “chics e nem elegantes” e que o cenário ideal do qual o progresso modernista tentava fazer parte, não permitia que pessoas fora da elite social pudessem desfrutar desses lugares. Vejamos um exemplo deste cenário planejado pelas classes mais altas em uma coluna publicada na revista Sport Ilustrado⁶, em 1921:

É muito melhor e mais bonito apresentar-se em campo um *team* de rapazes decentes que, embora não saibam jogar, porém que têm educação esportiva e representação no meio social, aos que têm apresentados mal educados e estúpidos no modo de jogar, sem exceção de dois ou três elementos em cada team. Para as nossas torcedoras de certo vai ser motivo de muita satisfação. E que a coisa vai mudar de figura. E que agora elas irão torcer e aplaudir amável por *teams* compostos de elementos novos e conhecidos que saberão agradecer e retribuir as palmas que elas lhe batem (apud SANTOS, 2009, p.189).

Dessa maneira, ao analisarmos os dois trechos apresentados acima e seguir com o pensamento de Franzini, é possível notar que o que importava para a elite não era o saber jogar e sim quem jogava. E, principalmente, mesmo com a tentativa de afastar as classes mais populares do futebol, o esporte ganhava cada vez mais destaque entre a população.

⁵ Jornal da cidade de Natal, no Rio grande do Norte, que começou suas atividades no ano de 1919. Disponível em: <<http://www.bczm.ufrn.br/jornais/Jornais%20digitalizados.pdf>> Acesso em: 10/05/2017

⁶ Revista do estado do Rio Grande do Norte, cuja primeira edição é de 1920. Disponível em: <<http://www.literaturanaarquibancada.com/2012/12/o-maior-acervo-historico-do-futebol.html>> Acesso em: 08/05/2017

Além disso, nota-se mais uma vez a presença das mulheres nas partidas de futebol. As torcedoras, como citado no trecho acima e como bem colocou Mário Leite Rodrigues Filho, mais conhecido como Mário Filho, jornalista e cronista de grande importância para o futebol, “os filhos no campo, as filhas nas arquibancadas” (FILHO apud FRANZINI, 2009, p. 119), sempre estiveram conectadas ao esporte de alguma maneira. Por conta da sua presença constante nas arquibancadas, elas serviram de inspiração para a criação do termo “torcedor”. De acordo com Coelho Netto, cronista e pai de dois jogadores que eram atletas do Fluminense, Preguinho e Mano, naquela época as mulheres se arrumavam muito para ir aos jogos de futebol e mesmo sob um forte sol de 40 graus, todas iam de luvas e ficavam segurando-as nas mãos. Conforme o jogo se desenvolvia e as mulheres ficavam nervosas com a partida, elas torciam as luvas ansiosamente. Foi então que Netto escreveu uma crônica em que ele usava a expressão “torcedora”, referindo-se ao movimento que as mulheres faziam. Dali por diante o termo se popularizou.⁷

Apesar da sua constante presença nos estádios, em que momento as mulheres foram além de torcedoras, jogadoras? Será que em uma sociedade que buscava cada vez mais “padrões ideais” as mulheres teriam espaço no campo? Ou elas também fariam parte do grupo excluído pelo movimento modernizador?

Ainda que, por enquanto, as mulheres fossem vistas apenas como torcedoras, era inegável a força com que o futebol vinha conquistando. Simone Lahoud Guedes conta que no futebol, as tensões entre as classes sociais - em que as elites buscavam cada vez mais um modelo padrão de sociedade que não incluía as classes populares - ficavam muito mais aparentes. Primeiramente, porque o futebol era um esporte praticável por todos. Segundo, porque através dele, as camadas populares (as quais a elite tanto fazia questão de excluir) poderiam crescer socialmente. E terceiro, porque os indivíduos economicamente privilegiados e que praticavam o esporte não davam mais conta da quantidade de vitórias necessárias frente aos novos desafios esportivos e precisavam de membros de outros grupos sociais. (GUEDES, 2009, p.195).

Desses grupos, um em especial chamou bastante atenção por conta desse processo: os negros. Apesar de a abolição da escravidão ter trazido consigo um

⁷ Disponível em: <http://www.fluminense.com.br/site/futebol/2012/03/08/torcedoras-do-flu-comemoram-o-dia-internacional-da-mulher-com-a-armadura-tricolor/> Acesso em: 08/05/2017

sentimento de que a vida de homens e mulheres “de cor” iria mudar, o caminho foi, e ainda é, mais árduo do que muitos pensam. A popularidade do futebol fez com que, em um curto espaço de tempo, esse esporte se tornasse um ambiente com muitas demonstrações de racismo. No trecho abaixo, publicado no Jornal do Brasil⁸, fica visível a disparidade com que se tratava as elites e as camadas populares.

O *meeting* esportivo mais uma vez atrairá o *smart* carioca às elegantes e amplas arquibancadas da sede do Fluminense. Os fundos do campo que possuía por defesa natural o morro existente foram cercados com tapagem de madeira, o que impedirá a presença de elementos turbulentos nos *matches* que ali se realizam (SANTOS, 2009, p.201)

Contudo, apesar da tentativa das elites de sempre segregar esse esporte das classes mais baixas e, em especial o grupo dos negros, a sua causa principal vai além do futebol. A exclusão social nesta modalidade era somente um reflexo da sociedade escravocrata que ainda persistia em existir. O racismo agia de certa forma velado. Para se ter uma ideia, segundo as análises de Santos, dos mais de cinquenta estatutos que falavam sobre a fundação dos clubes, apenas cinco faziam referência direta à exclusão das pessoas “de cor”. Ou seja, somente esses cinco citavam que era proibida a inclusão de negros no seu plantel de jogadores. Contudo, mesmo tendo o preconceito como barreira, o esporte entrava cada vez mais na vida das classes mais baixas e, para tentar conter esse avanço, as elites precisavam agir. É neste contexto que os estatutos das ligas se tornaram peças fundamentais para policiar as massas.

O Estatuto da Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA), publicado em 1924, no Rio de Janeiro, que regia os clubes da cidade carioca, evidenciava o que era de verdadeiro interesse das elites, O capítulo 9, que abordava a admissão dos atletas, apresentava, no artigo 65, as condições pelas quais os jogadores não poderiam ser inscritos nos clubes. A menção aos negros, como vimos acima, não era explícita, porém é fácil perceber que eles foram os que mais sofreram com as rejeições porque faziam parte de camadas mais baixas:

- Item 1- os que a troco de dinheiro tenham tomado parte em festas, partidas, campeonatos, ou concursos esportivos de qualquer natureza;
- Item 2- os que tirem os seus meios de subsistência de qualquer

⁸ O Jornal do Brasil é um tradicional jornal do país publicado diariamente na cidade do Rio de Janeiro. Fundado em 1891, se manteve no modelo impresso até o ano de 2010 quando se tornou exclusivamente digital. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/11855/11855_3.PDF> Acesso em: 07/05/2017

profissão braçal, considerando-se como tal em que predomine o esforço físico; Item 4- os que se entregarem à exploração de jogos de azar, ou viverem de sua prática; Item 7- os que não saibam ler ou escrever corretamente; Item 9- os que habitualmente não tenham profissão ou emprego certo; Item 10- os que exerçam profissão ou emprego subalterno, tais como contínuo, servente, engraxate e motorista (SANTOS, 2009, p.204)

Sendo assim, o estatuto serviu como uma ferramenta para suprimir principalmente os negros. Ainda de acordo com Santos, sem alfabetização e sem altos cargos empregatícios, eles encontraram nos estatutos uma barreira inviabilizadora ao tentarem progredir. Entretanto, a história do futebol e dos negros no futebol não se construiu apenas pela visão desses regulamentos. No Rio de Janeiro, por exemplo, um clube específico teve papel fundamental para o fim da exclusão de jogadores com base na sua cor.

O Clube de Regatas Vasco da Gama, apesar de ter iniciado a sua trajetória no remo e conquistado grandes feitos neste esporte, inseriu-se oficialmente no futebol apenas em 1915, e colaborou de forma decisiva para transformar a modalidade no que ela é hoje. Mesmo com a entrada tardia no futebol, se comparada a outros clubes como o Fluminense que nasceu em 1902, já em 1924, com menos de dez anos de participação no futebol, o Vasco decidiu colocar em questão os artigos do estatuto da Associação Metropolitana de Esportes Atléticos. Em uma carta⁹, do dia 7 de abril de 1924, o clube anunciou a sua desfiliação da AMEA por ter doze jogadores que não se encaixavam nos padrões impostos pela liga e ainda critica a postura da entidade:

Quanto à condição de eliminarmos doze (12) dos nossos jogadores das nossas equipes, resolve por unanimidade a diretoria do Clube de Regatas Vasco da Gama, não a dever aceitar, por não se conformar com o protesto porque foi feita a investigação das posições sociais desses nossos consócios, investigações levadas a um tribunal onde não tiveram representação nem defesa. Estamos certos que V. Ex. será a primeira reconhecer que seria ato pouco digno da nossa parte sacrificar ao desejo de filiar-se à A.M.E.A alguns dos que lutaram para que tivéssemos entre outras vitórias a do campeonato de football da cidade do Rio de Janeiro de 1923 (apud SANTOS, 2009, p. 206)

⁹ Esta carta encontra-se emoldurada na sala de troféus do Clube de Regatas Vasco da Gama, em São Januário, uma das sedes do clube no Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.vasco.com.br/site/conteudo/detalhe/36/1924-a-resposta-historica>> Acesso em: 10/05/2017

Dois dias depois, a Gazeta de Notícias¹⁰ publicou uma nota em que classificava a ação do Vasco como ato de maior coragem:

O Clube de Regatas Vasco da Gama, ontem, foi de maior coragem, pois assim que teve conhecimento oficial das resoluções da AMEA convocou os seus diretores para uma reunião secreta [...]. O Dr. José Augusto, presidente do clube, fez uma exposição clara do que se desenrolava na AMEA, citando que a exclusão de 12 de sus jogadores dos jogos entre clubes não fundadores aos sábados e outros fatos destruíam totalmente os fins de moralidade e igualdade anunciados (apud SANTOS, 2009, p.207).

Ricardo Pinto dos Santos afirma que é “a partir desse momento que o debate raça *versus* moralidade, amadorismo *versus* profissionalismo entrava nas pautas para além dos pequenos clubes”. Ainda de acordo com o autor, apesar das críticas às camadas populares feitas pelas elites, por não possuírem as qualidades morais necessárias ao espetáculo esportivo, e com as inúmeras tentativas de exclusão dadas pelos clubes, estatutos e matérias jornalísticas, as classes mais baixas foram ganhando força nos gramados do futebol.

O autor ainda ressalta que imprensa, inclusive, teve papel imprescindível nessa relação entre o negro e o futebol. Apesar de o racismo não ser tema explícito, nem mesmo no discurso jornalístico, nos momentos em que o negro se sobressaia e se tornava destaque no cenário, o preconceito contra os negros falava mais alto nos meios de comunicação, visando deixar claro o lugar a ser ocupado por esse grupo. Entretanto, essa circunstância não deu certo. Mesmo com a censura e o preconceito, os populares foram chegando aos campos de futebol.

Sendo assim, o futebol proporcionou visibilidade a muitos que até então eram invisíveis. Ainda que contassem com as adversidades, as classes mais baixas operaram sobre os problemas e encontraram resultados valiosos com esse esporte. E exemplos não faltam até hoje, visto que muitos dos grandes jogadores de futebol saíram das periferias, como Pelé, Ronaldo Fenômeno, Cafu, Neymar, entre tantos outros. Com o passar do tempo, o futebol tomou conta de todas as classes, estados e clubes espalhados pelo Brasil.

O esporte, que inicialmente era visto como só mais um produto dos ingleses, agora era um produto com um estilo nacional brasileiro (“futebol à brasileira”, “futebol

¹⁰ Jornal fundado em 2 de agosto de 1875 no Rio de Janeiro e circulou pela cidade até 1942. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/gazeta-de-noticias>> Acesso em: 10/05/2017

arte”, “futebol mulato”). (DaMATTA apud GUEDES, 2009, p. 459). Esse estilo brasileiro de jogar mantém firme a relação entre a sociedade brasileira e os campos de futebol. É no início do século XXI que esse sentimento de pertencimento, de nação unida, acendeu a paixão nacional por esse esporte. E para fomentar ainda mais essa paixão, os meios de comunicação de massa tiveram papel fundamental para aumentar este vínculo (GUEDES, 2009, p. 501).

2.2 - O papel da imprensa na popularização do futebol

Os meios de comunicação participam efetivamente na constituição dos sujeitos e significados de uma sociedade. Rosa Maria Bueno Fischer mostra como a imprensa consegue moldar sujeitos e construir significações através de seus dispositivos. Portanto, de acordo com a autora, os meios de comunicação são:

Um lugar extremamente poderoso no que tange à produção e à circulação de uma série de valores, concepções, representações - relacionadas a um aprendizado cotidiano sobre quem nós somos, o que devemos fazer com nosso corpo, como devemos educar nossos filhos, de que modo deve ser feita nossa alimentação diária, como devem ser vistos por nós, os negros, as mulheres, pessoas das camadas populares, portadores de deficiência, grupos religiosos, partidos políticos e assim por diante (FISCHER, 2002, p.153).

E com o esporte a mídia não agiu e não age de forma diferente. Paulo Vinícius Coelho, jornalista esportivo, relembra como que desde os seus primeiros passos no Brasil, ainda que não fizesse parte do gosto da maioria, de uma forma ou de outra, o futebol sempre ganhava algum espaço nos jornais e a imprensa começava a moldar os brasileiros para o que no futuro se tornaria uma paixão nacional. Para se ter uma ideia, em São Paulo, no ano de 1910, o jornal Fanfulla¹¹, abrigava páginas de divulgação esportiva e atingia um número cada vez maior de um público específico: os italianos. Dentro do impresso, um aviso chamava-os a fundar um clube de futebol. Desta maneira nasceu o Palestra Itália, que mais tarde se tornaria a Sociedade Esportiva Palmeiras, um dos gigantes do futebol brasileiro na atualidade (COELHO, 2013, p.8).

¹¹ Jornal veiculado na cidade de São Paulo dedicado aos italianos residentes no Brasil. O Fanfulla existe desde 1893. Disponível em: <<http://www.jornalfanfulla.com/paginas.asp?categoria=o-jornal>> Acesso em: 08/05/2017

A popularidade desta modalidade no país não se deu somente pela facilidade com que é jogada. A mídia teve (e ainda tem) sua importância tanto na produção quanto na interpretação de sentidos que tangem esse esporte e, principalmente, na propagação do mesmo. Fátima Martin Rodrigues Ferreira Antunes, em seu livro sobre a identidade nacional no futebol afirma que o futebol “é uma dimensão da cultura brasileira construída no dia a dia, nas conversas de segunda-feira entre colegas de escola e de trabalho, nos desafios e nas apostas anteriores aos jogos” (ANTUNES, 2004, p. 17). Tudo isso só é possível por conta do trabalho da imprensa que noticia diariamente o torcedor.

Apesar de ser a contragosto, nos primórdios das notícias sobre esporte nos jornais, tudo foi registrado. A primeira cesta, o primeiro saque e também o primeiro gol. Na época em que o Rio de Janeiro era a capital de República, o futebol pulsava cada vez mais na cidade e, conseqüentemente, mais relatos nos jornais sobre as partidas que aconteciam dentro das quatro linhas. Em 1931, nasceu, não à toa na cidade carioca, o *Jornal dos Sports*¹², primeiro periódico exclusivamente esportivo. Depois dele, vieram muitos outros, como a *Revista do Esporte*¹³, também no Rio de Janeiro (COELHO, 2013, p. 9).

Paulo Vinícius Coelho ainda conta que, por volta do século XX, a febre das regatas, que até então eram o principal esporte praticado no Rio de Janeiro, já havia passado e era o futebol que ganhava cada vez mais força de norte à sul do país, impulsionado principalmente, pela força que os meios de comunicação da capital carioca davam ao futebol. Em 1924, quando o Vasco foi campeão carioca com atletas negros em seu elenco, o clube deu ao futebol a popularização que faltava. Um ano depois, a modalidade já havia se difundido pelo território nacional e já nesta época apareceram os torneios estaduais e interestaduais por diversos lugares no Brasil, que chamavam a atenção do público e eram explorados pela imprensa com notícias diárias, começando a estimular a paixão por times de futebol, ainda que fosse de forma amadora (COELHO, 2013, p. 11). Confirmando essa ideia, Décio de Almeida Prado, afirma que

¹² Primeiro periódico dedicado aos esportes no Brasil. Fundado em 1931, ficou famoso por suas páginas serem rosas, inspiradas na *Gazzetta Dello Sport*, importante jornal italiano que é conhecido pelo visual incomum. Disponível em: <<http://terceirotempo.bol.uol.com.br/que-fim-levou/jornal-dos-sports-2165>> Acesso em: 10/05/2017

¹³ Surgiu nos anos de 1950 e foi, durante muito tempo, a principal revista voltada para o futebol. Sua tiragem era semanal mas acabou finalizando suas atividades no final de 1960. Disponível em: <<http://cacellain.com.br/blog/?p=16177>> Acesso em: 10/05/2017

na década de 1920 “o jornal transformava um jogo de futebol em notícia, ampliando sua repercussão e sua importância na vida da cidade” (PRADO apud ANTUNES, 2004, p. 19).

O rádio foi um veículo com grande importância na disseminação e na consolidação desse esporte. Por volta dos anos 1930, já era possível ouvir as partidas de futebol, sendo um dos principais meios a transformar o futebol em espetáculo. Mas foi na década de 1940 que o futebol ganhou verdadeiramente um espaço na mídia com relatos cada vez mais apaixonados. Mais uma vez nos diários cariocas, surgem as figuras dos irmãos Mário Filho, fundador do Jornal dos Sports nos anos 30, e Nelson Rodrigues (COELHO, 2013, p. 15). Os dois irmãos, velhos conhecidos daqueles que estudam jornalismo esportivo, deram vida às partidas de futebol ao utilizarem todo o romantismo em cada linha de suas crônicas.

Por volta de 1932, na América do Sul, Argentina e Uruguai já haviam legalizado o profissionalismo no futebol, ou seja, os jogadores já eram pagos para jogar bola. Isso atraía cada vez mais os brasileiros interessados. Os craques nacionais notaram que era possível viver do futebol. Os dirigentes, diante da situação, ficaram preocupados, visto que o futebol verde e amarelo corria sério risco de perder seus jogadores para outros times estrangeiros. A desorganização e o amadorismo que predominavam no Brasil precisavam dar espaço a atitudes mais realistas. A solução encontrada foi a criação da Liga Carioca de Futebol em 1933, ano que se firmou o profissionalismo no futebol brasileiro (CALDAS, 1990, p.67).

Mas essa decisão criou uma divisão entre os clubes, porque enquanto uns lutavam pela profissionalização da modalidade, outros ainda enxergavam o esporte como um momento de lazer. Logo, por alguns anos, diversos clubes foram campeões ao mesmo tempo. O Botafogo, por exemplo, campeão em 1932, jogou entre os amadores nos três anos seguintes e se autoproclamou campeão carioca. Enquanto isso, outro campeonato acontecia, tanto que em 1933, ano que o Botafogo também foi campeão, o Bangu levou o título pela primeira vez. Um ano depois, o Vasco foi o campeão de um lado e, do outro, mais um título do Botafogo. Em 1935, mais um troféu para o Botafogo e o América levantou a taça pela sexta vez. O cenário era mesmo confuso. Isso porque duas ligas coexistiam: a Federação Metropolitana de Desportos (FMD) e a Liga Carioca de Futebol (LFC) e ambas promoviam seus campeonatos. Em

1936, os clubes ainda não tinham chegado a nenhum acordo, e mais uma vez dois clubes foram campeões no mesmo ano. Dessa vez, Fluminense e Vasco foram os vitoriosos. (COELHO, 2013, p.16).

Tentando de alguma forma cobrir as partidas dentro deste cenário caótico, o destaque nas notícias ficava por conta da luta política que envolvia o futebol carioca. Tudo isso, até a resolução em 1937. Neste ano, o profissionalizar ou não a modalidade não era mais o que impedia o acordo entre os clubes. A ditadura de Vargas, período em que o Brasil se encontrava na época, também foi um fator indicativo para que houvesse uma disciplina entre os clubes e federações. Dessa forma, aconteceu então a fusão entre a FMD e a LFRJ, no dia 29 de julho de 1937, e, conseqüentemente, o nascimento da Liga de Football do Rio de Janeiro (LFRJ).¹⁴

De acordo com Paulo Vinícius Coelho, para abrir o “novo” campeonato regido pela LFRJ após muitos anos de discussões, Vasco x América protagonizaram uma partida que ficou conhecida como “Clássico da Paz”. É neste momento, inclusive, ainda de acordo com o autor, que entra em cena o melhor estilo da imprensa carioca de falar sobre futebol.

No Rio de Janeiro, a maneira como se fazia jornalismo era diferente. Não era a informação o que mais importava. Os cronistas se preocupavam em criar histórias e personagens que abordavam drama e poesia. Mário Filho, um dos grandes nomes dessa literatura esportiva, certa vez, ao falar sobre Telê Santana, jogador ponta-direita do Fluminense, escreveu: “Telê joga os noventa minutos. Dito assim, parece simples. Todo jogador joga noventa minutos. Seria assim se não fosse Telê. Telê é o ponteiro dos segundos. Não para nunca!” (apud COELHO, 2013, p.17).

As alcunhas dadas aos clássicos eram só uma parte da maneira como se constituiu o romantismo no jornalismo esportivo na cidade carioca. E não faltam exemplos para denominar outras partidas. Botafogo e Fluminense ficou conhecido como “Clássico Vovô”, por ambos serem os clubes mais antigos do futebol carioca. Flamengo e Vasco passou a ser chamado de “Clássico dos Milhões”, por render milhões de cruzeiros às bilheterias. O duelo entre Flamengo e Fluminense, popularmente apelidado de “Fla x Flu”, “nasceu quarenta minutos antes do nada”, como explicou Nelson Rodrigues (COELHO, 2013, p.16).

¹⁴ Disponível em: <http://www.campeoesdofutebol.com.br/hist_fut_carioca.html> Acesso em 09/05/2017

As crônicas, que eram características da imprensa no Rio, deram vida a um dos grandes símbolos do esporte: os ídolos. Era a partir delas que se criava a motivação para ir ao estádio na próxima partida, aumentando ainda mais o vínculo com o clube de coração e, é claro, também para ver os ídolos. Paulo Vinícius Coelho lembra em seu livro que, em 1958, quando o Brasil conquistou o primeiro título mundial, o famoso gesto de Bellini¹⁵, capitão da Seleção naquela época, até hoje é lembrado por muitos. O momento, que está registrado para sempre como estátua na frente do Estádio Jornalista Mário Filho, o Maracanã, deu aos jornalistas ótimas inspirações para produzir crônicas cheias de emoção que o eternizaram como mito do futebol brasileiro e herói nacional. Conforme o autor, é “ a emoção, [que] é elemento fundamental do jornalismo esportivo, muitas vezes eleva o futebol ao patamar de religião” (COELHO, 2013, p.18).

Seguindo essa premissa de que a emoção no jornalismo coloca o futebol como uma alternativa sagrada, Hilário Franco Júnior, a partir dos seus estudos sociológicos sobre o futebol, propõe que no vazio espiritual em que o mundo ocidental se encontra hoje, muita gente decide suprir as antigas divindades por clubes de futebol. Logo, para o autor:

Os jogadores são “ídolos”, a camisa e a bandeira do clube, “manto religioso”, os gols aparentemente ilógicos, “espíritos”, gestos religiosos (ortodoxos ou não) cercam todo o ambiente futebolístico. As defesas incríveis são “milagrosas” e seus autores são “santos”. O Maracanã é o “templo sagrado do futebol brasileiro”, o velho estádio do Barcelona (Les Corts) era chamado “catedral”, como hoje é o estádio da Luz, do Benfica. Sintetiza tudo isso um cartaz exibido por um torcedor durante a Copa de 1994: “USA learn! Soccer is religion” (Aprendam, Estados Unidos! Futebol é religião). (FRANCO apud COELHO 2013, p.20).

A figura do herói, que assim como Bellini, é o “guardião”, o “protetor”, o “defensor”, exerce exatamente a função que se espera que um futebolista faça no seu clube. E o herói não é qualquer um, é alguém que realiza coisas excepcionais, que inspira e impõe coragem e respeito. Quantos Diegos foram batizados em homenagem à Diego Maradona, maior futebolista argentino? Quantos Arthurs nasceram em homenagem à Arthur Antunes Coimbra, também conhecido como Zico, grande ídolo do

¹⁵ Hideraldo Luís Bellini, nascido em São Paulo e jogador do Vasco na época em que foi convocado pela Seleção para a Copa de 1958, foi quem eternizou o gesto de levantar a taça acima da cabeça que diversos capitães de Seleções do mundo passaram a repetir. Com o título, o zagueiro se tornou um dos jogadores mais admirados do Brasil, que viam nele um sinônimo de raça pela disputa do título. Disponível em: <<http://www.cbf.com.br/noticias/empty/o-gesto-de-erguer-a-taca-eternizado-por-bellini-em-1958-nasceu-do-acaso#.WRUhG9LyvIU>> Acesso em: 11/05/2017

Flamengo? Em 1998, por exemplo, por conta dos pênaltis defendidos contra a Holanda, o goleiro brasileiro Cláudio André Mergen Taffarel foi homenageado tendo seu nome dado a meninos e meninas: Igor Taffarel Marques, nascido em Brasília e Bruna Taffarel de Carvalho, nascida em São Paulo (COELHO, 2013, p.21).

É através da imagem do ídolo que os admiradores do futebol fortalecem o sentimento de fascínio pelo esporte. O que permite pensar que há uma relação direta entre ídolo e torcedor, ou seja, para que o primeiro exista, é necessário que o segundo o idolatre (MORATO et al. apud AZEVEDO et al., 2014, p. 744). Conforme Hilário Franco Júnior afirma, apesar disso, por mais importante que os ídolos sejam, o torcedor sabe que muitos já passaram e outros virão. O elo verdadeiro entre passado, presente e futuro, é o clube. A paixão que existe é pelo clube, pela instituição. Os heróis fomentam e propagam esse amor. Se torcedores podem vir um dia se voltarem contra a um ídolo, com o clube o sentimento não se modifica. De acordo com o autor, é possível, frequentemente:

Criticar o time, os dirigentes, as instalações esportivas, outros torcedores do clube, porém o clube em si permanece intocável enquanto projeção de diversos sentimentos. Se, pela definição de Émile Durkheim, toda divindade é a “sociedade transfigurada e pensada simbolicamente”, pode-se considerar cada clube a divinização da própria comunidade que o compõe. É o que sugere um enorme cartaz de torcida no clássico Torino e Juventus de fevereiro de 1986: “*Vinci per noi, magico Toro*”(Vença por nós, mágico Touro). (FRANCO, 2007, p. 270).

Ainda segundo Franco Júnior, se o futebol é religião e cada clube divindade, toda partida é um rito. Esse rito permanece o mesmo, sendo jogado no Maracanã ou no campinho de futebol de uma praça em qualquer lugar do mundo. E para que esses ritos aconteçam, é preciso que existam lugares para hospedá-los. No mundo medieval a maior construção de qualquer cidade era a Igreja; no mundo contemporâneo, os estádios tomam conta dessa posição. Em 1950, quando o Maracanã foi construído para abrigar a Copa do Mundo, o estádio tinha capacidade para receber 10% da população carioca. Quando o Beira-Rio foi reaberto, em 1969, a capacidade dele somada à do existente estádio Olímpico, de 1954, permitia recepcionar quase 11% da população de Porto Alegre.

E é nos estádios que muitos ídolos se eternizam. Em sua despedida, em 1974, Pelé, após o término da partida entre Santos e Ponte Preta, ajoelhou-se no ponto central

do gramado com a bola entre as pernas e os braços em posição de cruz, voltando-se sucessivamente para os quatro lados do campo, o que sintetiza o significado religioso do futebol e a afirmação dele como “Deus” (FRANCO, 2007, p. 275).

Completando o papel do ídolo para a aproximação com o torcedor, José Jairo Vieira e Ronaldo Martins de Assis, ao analisarem três importantes jogadores da Seleção brasileira na época em que se aproximava a Copa do Mundo de 2002, afirmam que a “personificação” do ídolo acaba gerando todo um atrativo para citar uma competição ou um esporte que tem a ver com ele. E é a imprensa quem faz esse papel de mediadora. Na Copa de 2002, além do olhar técnico que criou uma família entre os jogadores, a mídia criou uma expectativa no “trio de erres”, alcunha criada pelos meios de comunicação para o trio formado por Ronaldo, Rivaldo e Ronaldinho, para que pudessem chamar a atenção dos telespectadores.

Além disso, de acordo com os estudos de Ronaldo George Helal, o autor reforça que além da mediação entre o herói futebolístico e o torcedor, os meios de comunicação também se encarregam de propagar e criar identificações com os novos ídolos. Portanto, da mesma forma que a mídia fez com o “trio de erres”, fez também com Romário, na Copa do Mundo de 1994. Assim, em “Romário, o nome do tetra verde e amarelo”, do Jornal O Globo¹⁶, publicado em 18 de julho de 1993, temos o seguinte:

O tetracampeonato tem nome, sobrenome e origem: Romário de Souza Faria, de 28 anos, nascido no Jacarezinho e criado na Vila da Penha. Por isso mesmo, o tetra não poderia ser mais brasileiro, mais verde e amarelo. A trajetória de Romário é a cara do futebol do país. Dos campinhos de terra batida de um subúrbio do Rio até o Maracanã, a Europa, os EUA...o mundo. Ver Romário campeão é acreditar que o Brasil do jeito que a gente conhece pode ser mais. Pode ser campeão mundial” [...] A fala cheia de gírias, os dribles que derrubam a lenda de que no futebol moderno não há lugar para a habilidade - dribles de uma petulância só admissível nos campinhos da Vila da Penha (apud HELAL, 1999, p.14)

A origem humilde juntamente com a “fala cheia de gírias” reafirmam o traço de brasilidade ao herói. Desta forma, fica claro um discurso que coloca o futebol como metáfora da nação. Ver Romário alcançar o patamar de campeão, é acreditar que o Brasil que conhecemos pode ser mais. O Brasil, como sociedade, também pode ser campeão mundial (HELAL, 1999, p.15).

¹⁶ O Globo é um jornal diário de notícias brasileiro, fundado em 29 de julho de 1925 e sediado no Rio de Janeiro. De circulação nacional pela assinatura mensal nas formas impressa ou digital. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/>> Acesso em: 11/05/2017.

Vimos neste capítulo como o futebol chegou ao Brasil e o papel fundamental que a mídia exerceu e exerce para o desenvolvimento deste esporte, bem como para a criação de ídolos. O que nos faz questionar: como que esse esporte se apresentou para as mulheres? Já vimos que a presença delas nos estádios era frequente e que a partir da frequência delas nas partidas, inclusive, surgiu o termo torcedor. Mas qual é a situação do futebol feminino no país? Será que elas só estavam na arquibancada?

3- A mulher brasileira no esporte: entre a feminilidade e a ilegalidade

No que diz respeito à prática esportiva entre homens e mulheres, a inserção delas sempre foi mais seletiva, em modalidades tidas como menos agressivas. Como foi abordado anteriormente, a mulher, de uma forma ou de outra, esteve sempre presente no meio futebolístico. O que se conta nos livros de história é que elas estavam na arquibancada apoiando os seus maridos e “embelezando” as partidas. Mas, e no campo? Provavelmente não encontraremos o equivalente feminino de *sportman*. A chegada do futebol e sua adaptação no Brasil não se deram de forma simples. Para as mulheres, ainda pior, por conta de diversas proibições que não englobaram só o esporte. Vejamos como isto aconteceu.

3.1 - A história da mulher no esporte

Na memória que se tem sobre a participação das mulheres no ambiente do esporte brasileiro, é clara a falta de linearidade do assunto, marcado por muitas rupturas, evoluções e retrocessos. É uma história diversificada, já que são várias as formas de participação da mulher no esporte: atletas, jornalistas, árbitras, torcedoras, treinadoras, dirigentes, entre outras. Entretanto, desde muito cedo, elas foram naturalmente socializadas e associadas sempre a questões como beleza, maternidade e feminilidade. A participação das mulheres no esporte priorizou, e ainda prioriza, seus corpos e aparências em vez de suas trajetórias, conquistas e frustrações.

Através dos estudos de Silvana Vilodre Goellner, nota-se que em terras tupiniquins, o campo esportivo começou a se desenvolver por volta dos anos de 1830 e 1840, quando apareceram os primeiros clubes de remo, *turf* e atletismo, cujos frequentadores eram homens e mulheres pertencentes às elites urbanas. Ainda que essas modalidades fossem de uma natureza ilustre, familiar e saudável, o exercício das mesmas era, predominantemente masculino, cabendo às mulheres a função de assistência às competições.

No início do século XX, esse cenário começou a mudar, mesmo que gradativamente, especialmente para as mulheres de classes mais altas, já que para elas o acesso à escolarização e às novidades que vinham do continente europeu (incluindo a

prática esportiva, como a ginástica) eram mais fácil. Por isso, modalidades como remo, *turf*, esgrima, natação, tênis, arco e flecha e ciclismo puderam conhecer as mulheres como praticantes (GOELLNER, 2009, p. 144)

Seguindo ainda com os estudos de Goellner, a presença delas, é claro, era novidade naquele tempo. A imagem que se tinha da mulher nessa época era romantizada, muito por conta da literatura que apresentava mulheres brasileiras como graciosas e delicadas, cuja a educação estava voltada, principalmente, para o casamento e a maternidade. Essa imagem, entretanto, não durou por muito tempo. Os médicos começaram a levantar os efeitos benéficos que as práticas esportivas trariam para elas, dando-lhes melhores condições para a maternidade e também para a saúde estética. Portanto, nada melhor que incentivar o esporte visando o desenvolvimento seu orgânico e social, tornando-as aptas e fortes para os desafios de uma sociedade que se modernizava cada vez mais.

Nesse contexto, Goellner afirma que se destacaram o hipismo e o tênis. O primeiro, porque “andar a cavalo já era uma paixão antiga da oligarquia praticado tanto por homens quanto por mulheres, e o segundo, sinônimo de elegância, porque era possível que as damas jogassem tênis sem que perdessem sua graça e feminilidade” (GOELLNER, 2009, p.274)

Dessa forma, de acordo com a autora, o esporte transformou-se em sinônimo de uma ferramenta modeladora de corpos de homens e mulheres. Para elas, o destaque foi ainda maior pois acreditava-se que para a reestruturação de uma sociedade forte tanto fisicamente quanto moralmente, era preciso que esse aprimoramento chegasse até a mulher, denominada até então como “célula-mãe da nação”. Em uma matéria no Boletim de Eugenia, publicação mensal da Sociedade Eugênica de São Paulo, de 1929, é possível ilustrar esse momento em que vivia o povo brasileiro:

É em face da procriação que avulta a importância do esporte para a mulher. Ela precisa não apenas estar apta para o exercício pleno daquela função, mas estar também em condições físicas para gerar seres fortes. É cuidando de seu próprio corpo, de sua saúde, de sua eficiência física que a mulher adquire os conhecimentos práticos indispensáveis a realizar uma vida sadia e forjar uma geração forte; praticando esporte a mulher fará desta uma verdadeira escola de saúde [...] e preparar-se-á melhor para dar à espécie filhos sãos e filhos fortes (apud GOELLNER, 2009, p. 275)

Com esse quadro nasce a figura de uma “nova mulher”, que se destacava daquela representação romântica e voltada para a família. Assim, o esporte transformou-se em um importante local de exercícios e sociabilidade das mulheres e entre mulheres, onde não apenas a presença delas se tornou visível como espectadora, mas como praticante também, ainda que o discurso de maternidade sadia continuasse sendo reproduzido. Para aumentar a aparição notória das damas, desenvolveu-se a criação de diversas competições esportivas direcionadas, exclusivamente, para o público feminino, como os Jogos Femininos do Estado de São Paulo, em 1935, os Jogos da Primavera, no Rio de Janeiro, em 1939, e os Jogos Abertos Femininos, realizado em sua primeira edição em Porto Alegre, no ano de 1954 (GOELLNER, 2009, p. 278).

Além desses Jogos, outros também apresentavam mulheres como participantes, inclusive em competições pouco habituadas à participação delas, como as corridas de longa distância, as lutas e o futebol. Essa variedade de modalidades, entretanto, não foi bem recebida pela sociedade brasileira, principalmente por aqueles que estavam à frente da gestão do esporte. Segundo Goellner, diante das controvérsias que envolviam a participação das mulheres em uma ampla quantidade de práticas esportivas, este problema acabou desencadeando em uma legislação que censurava algumas modalidades consideradas violentas demais.

Nos artigos das pesquisadoras Ludmilla Mourão e Márcia Morel sobre futebol feminino, vemos que em 1941, é declarado então, o Decreto-lei nº 3.199, que até o ano de 1975 estabeleceu as bases de organização dos esportes em todo o país. No artigo 54 deste decreto, é determinado que: “[...] às mulheres não se permitirá a prática dos esportes incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo para este efeito, o Conselho Nacional dos Desportos (CND) baixar as necessárias instruções às entidades esportivas do país” (apud MOURÃO & MOREL, 2005, p. 77). Oficializa-se assim, ainda de acordo com as autoras, a interdição às mulheres de várias modalidades do país, como o futebol, o rugby, o polo, o polo aquático, as corridas de fundo e as lutas, que foram classificadas como não adaptáveis ao sexo feminino.

Durante três décadas, essa resolução se manteve válida no Brasil, o que acarretou em sérias consequências para o desenvolvimento do esporte feminino no país. Nos anos 1940 e 1950, a determinação fez cortar a participação das mulheres, que vinha numa crescente, dos espaços em que se praticavam atividades esportivas, refletindo

também nos anos 1960 e 1970 em que várias iniciativas de incentivo às atletas foram canceladas visto que os clubes e as instituições interromperam seus investimentos e muitas mulheres perderam até mesmo o direito de competir (GOELLNER, 2009, p. 279).

Mantendo o discurso sobre a fragilidade feminina, este decreto valorizava a imagem da mulher mãe que era doce e delicada. O suor excessivo, o esforço físico, as fortes emoções, os músculos, a espetacularização do corpo, a leveza da roupa, todas essas práticas pertencentes ao universo da cultura física, quando associadas à mulher, geravam desconforto porque pareciam reduzir os limites que contornavam uma imagem do que era ideal sobre ser feminina. Além disso, Goellner afirma que tais práticas indicavam “uma alteração do terreno criado e sustentado pelo domínio dos homens, que justificavam a sua soberania sobre elas por meio da biologia do corpo e do sexo”.

Apesar das claras proibições, nem todas as mulheres deixaram de praticar as modalidades ilícitas ao seu sexo. Como desde o início as práticas esportivas sempre atraíram a atenção das mulheres, muitas continuaram a praticá-las, indiferentes à interdição que persistiu, oficialmente, até meados dos anos 1970, quando o CND reconheceu a necessidade de estímulo à participação das mulheres em diversas modalidades esportivas no país. Durante a Ditadura Militar, o esporte foi adotado como forma de propagação de legitimação das ações do governo, sendo considerado como uma “razão de Estado” e, por isso, a dimensão do esporte-espetáculo começou a ser valorizado e com ela, a imagem da mulher atleta começou a ganhar alguma relevância (GOELLNER, 2009, p. 280).

3.2- Futebol feminino: a modalidade proibida

O início do futebol no Brasil é marcado por muitas complicações também no lado feminino. Por conta da carência de registros que indiquem o exato momento em que as mulheres iniciaram sua participação direta nos campos, não é possível afirmar com precisão quando elas deram os seus primeiros chutes na bola.

Partindo de um contexto mundial, de acordo com o que conta Eliberto José Lessa de Moura, nos registros da *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA) foi em 1880, na Inglaterra, que Nettle Honeyball, uma ativista feminista,

organizou uma partida de futebol feminino. Em compensação, Bill Murray (2000), alega que em 1895, em Crouch End, em Londres, Nettie (e não Nettle como supõe os arquivos da FIFA) Honeyball coordenou um jogo entre mulheres do Norte e do Sul da Inglaterra, partida essa que teria reunido mais de 8 mil espectadores. Além disso, outra data oficial foi registrada em 1898, quando as seleções da Inglaterra e da Escócia se enfrentaram. Ainda segundo Murray, a febre futebolística também chegou às mulheres e já em 1902, a Federação Amadora Inglesa (FA) tratou de conter os ânimos femininos banindo o esporte para elas (apud MOURA, 2003, p.8)

No Brasil, no trabalho de Moura, alguns pesquisadores indicam que a primeira partida de futebol entre mulheres aconteceu no ano de 1913, disputada entre dois times da Zona Norte paulistana: Cantareira e Tremembé. Em alguns jornais, ainda segundo a autora, o confronto ganhou tom de ironia: “As mulheres podem até jogar futebol”. Mas, conforme uma publicação do jornal Correio Paulistano¹⁷, o evento, que era de caráter beneficente, visando a construção de um hospital para crianças pobres pela Cruz Vermelha, teria acontecido mesmo nesta data, mas com times diferentes. O texto do periódico, publicado no dia 25 de janeiro de 1913, evidenciava a partida da seguinte forma:

Realiza-se hoje, no Velódromo Paulista, uma atraente festa esportiva, em benefício do hospital das crianças da Cruz Vermelha. Foi organizado um interessante *macht* de foot-ball, no qual os rapazes do Sport Club Americano preparam magníficas surpresas. Esse match será jogado entre um team de senhoritas e outro de rapazes. A iniciativa coube à senhorita Catharina Bertoni, que infelizmente não poderá tomar parte no grande 'match', visto ter sido victima de um acidente, num dos últimos *trainings* (apud MOURA, 2003, p.9).

Já o jornal Folha da Manhã¹⁸ reconhecia a existência de dez equipes femininas quando o Rio ainda era a capital federal, como, por exemplo, o Cassino Realengo e o Eva Futebol Clube, times que não eram filiados à Federação Metropolitana de Futebol (FMF). A possibilidade de improvisar era grande, já que ainda não havia medidas e nem regras oficiais. Em 1913, as disputas futebolísticas femininas tinham conotação circense

¹⁷ Periódico criado em 26 de junho de 1854 na cidade de São Paulo foi extinto no segundo semestre de 1963, após mudanças no seu formato. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/correio-paulistano/>> Acesso em: 10/05/2017

¹⁸ Jornal que circulava na cidade de Campos dos Goytacazes, no estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.folha1.com.br/index.php?id=/mundo/index.php>> Acesso em: 10/05/2017

para imprensa. A atitude despreocupada das jogadoras foi abordada pelo Jornal da Manhã como:

momentos dos mais agradáveis, sobretudo humorísticos, pois, se as frágeis jogadoras não exibiram técnica de futebol, padrão de jogo etc, agradaram em cheio, na maioria das vezes, pelas próprias falhas, que eram recebidas com gostosas gargalhadas pela assistência (apud CUNHA, 2016, p. 235)

De acordo com Teresa Cristina de Paiva Montes Cunha, em seu artigo sobre o futebol feminino, uma edição do Jornal do Brasil, publicada em 29 de novembro de 1976, sugere que o primeiro contato das mulheres com o futebol aconteceu nas praias do Rio, mais precisamente no Leblon, no ano de 1920. Segundo a publicação, as partidas aconteciam à noite porque a maior parte das jogadoras trabalhavam como empregadas domésticas. Dessa forma, nota-se que, diferentemente do que acontecia com os homens, a modalidade não era exclusividade das classes mais altas nos anos iniciais

Em 1940, os anúncios para recrutar futebolistas pareciam chamar modelos: “Moças de 15 a 25 anos, que queiram ingressar no *football*, com consentimento dos seus maiores, queiram apresentar-se à Rua Silva Gomes, 131, Cascadura” (apud CUNHA, 2016, p. 236). Seguindo com os pensamentos da autora, a partir disso, as opiniões com relação às mulheres no futebol começaram a ficar divididas, já que uns acreditavam ser uma nova forma de atividades para elas e outros criticavam o fato de que moças começariam a se comportar como homens, cuspidando no gramado, por exemplo. Foi nesta época que, segundo relata Cunha, um cidadão, José Fuzeira, incomodado com a situação, escreveu uma carta para o então presidente Getúlio Vargas, alertando-o quanto ao perigo que seria o futebol feminino:

(Venho) Solicitar a clarividente atenção de V.Ex. para que seja conjurada uma calamidade que está prestes a desabar em cima da juventude feminina do Brasil. Refiro-me, Snr. Presidente, ao movimento entusiasta que está empolgando centenas de moças, atraindo-as para se transformarem em jogadoras de futebol, sem se levar em conta que a mulher não poderá praticar esse esporte violento, sem afetar, seriamente, o equilíbrio fisiológico das suas funções orgânicas, devido à natureza que dispôs a ser mãe... Ao que dizem os jornais, no Rio, já estão formados, nada menos de dez quadros femininos. Em S. Paulo e Belo Horizonte também já estão constituindo-se outros. E, neste crescendo, dentro de um ano, é provável que, em todo o Brasil, estejam organizados uns 200 clubes femininos de futebol, ou seja: 200 núcleos destroçadores da saúde de 2.200 futuras mães que, além do mais, ficarão presas de uma

mentalidade depressiva e propensa aos exibicionismos rudes e extravagantes.¹⁹

Cunha ainda relata que as reclamações chegaram até o Ministério da Educação e Saúde, que publicou um documento contra o “espetáculo ridículo que representa a prática”, por “acarretar traumatismos que podem afetar departamentos do organismo feminino especialmente delicados e de importância vital” (apud CUNHA, 2016, p.237). E, segundo a autora, foi justamente nesta época em que o Decreto-Lei nº 3.199, de 1941, que criminalizava a participação de mulheres no futebol, foi criado.

Quando, em 1981, o Decreto-Lei foi revogado, nasceu a primeira liga de futebol feminino no Rio de Janeiro. Neste ano surgiu, também no Rio de Janeiro, o Radar Futebol Clube, um dos grandes times brasileiros com jogadoras mulheres, que conquistou inúmeros títulos nacionais e internacionais. Também foi nesta época que muitas empresas se interessaram comercialmente pelo futebol feminino. Alguns jogos começaram a ser transmitidos pela televisão, fato que contribuiu para iniciar a sua propagação no país (CUNHA, 2016, p. 238).

O Radar foi um dos poucos times que conseguiu apoio comercial. O clube, que começou na praia, já contava com alguns patrocínios, se tornando Radar/Le Coq Sportif, Radar/Unibanco, Radar/Mondaine, entre outros. Mas o dinheiro quase nunca chegava até as jogadoras. Em 1982, o clube chegou ao campo e o presidente Eurico Lyra Filho, tinha como objetivo regulamentar o esporte e criar uma Seleção Nacional. Mesmo sem receber, elas treinavam mais de três vezes na semana e começaram a participar de campeonatos. Primeiro, o Campeonato Carioca e, depois, a Taça Brasil. O desempenho do time foi tanto que as meninas foram chamadas para disputar campeonatos no exterior, e de 71 jogos internacionais, foram 66 vitórias, três empates e apenas duas derrotas. Mas nos 90, por conta da falta de público nos campeonatos, de salário e de apoio da mídia, o Radar encerrou suas atividades.²⁰

Em 1958, as mulheres eram criadas para serem mães e administrarem o lar. Segundo Cunha (2016, p. 238) esse era o “lugar onde visivelmente liderava o domínio patriarcal. Algumas expressões que estavam relacionadas ao corpo eram divididas entre ‘femininas’ e ‘não femininas’”. O futebol, é claro, se enquadrava na segunda opção.

¹⁹ Disponível em: <http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/maio2003/ju211pg12.html>. Acesso em: 09/05/2017.

²⁰ Disponível em: <<http://dibradoras.com.br/e-c-radar-a-luta-e-as-vitorias-do-futebol-feminino-na-decada-de-1980/>>. Acesso em: 09/05/2017

Mas, como vimos, apesar da proibição imposta pelo Decreto, nem todas aceitaram aquelas condições. Foi o caso do Araguari Atlético Clube, fundado em 1944, em Minas Gerais, mas que iniciou suas atividades no futebol feminino em 19 de dezembro de 1958.

A história do Araguari começa quando a direção do Grupo Escolar Visconde de Ouro Preto convida o diretor do clube mineiro, Ney Montes, para um amistoso beneficente, com a finalidade de arrecadar dinheiro para o colégio, contra o Fluminense Futebol Clube (de Araguari). Montes decide criar um time de futebol feminino com a participação de moças da cidade, no lugar dos homens que não estavam com a popularidade alta no local. Como o diretor do clube era também radialista, a convocação das mulheres foi feita pelo rádio. Para que participassem dos treinos e jogos, era preciso a autorização dos pais. No dia da seleção, mais de 40 moças apareceram e 28 foram escolhidas (CUNHA, 2016, p. 239).

Após esse jogo, a diretoria do clube percebeu que poderia continuar com os amistosos, já que era uma chance de promover jogos beneficentes pelo município e ainda incentivar a modalidade entre as mulheres. A partida, que aconteceu em Uberlândia, Minas Gerais, teve renda de 120 mil cruzeiros, arrecadamento maior do que o de um jogo amistoso que ocorreu meses antes, no mesmo local, com a participação de jogadores famosos do Botafogo, como Didi e Garrincha (CUNHA, 2016, p. 240).

Foi então que, nas pesquisas de Teresa Cristina Cunha, em 26 de setembro de 1959, menos de um ano após a primeira partida, as meninas do Araguari encerraram sua participação em um último jogo realizado em Salvador, na Bahia, depois que Ney Montes recebeu um documento oficial proibindo as jogadoras de continuarem os amistosos. Após o embargo, algumas jogadoras decidiram seguir com a prática esportiva e optaram pelo *handball*²¹, mas a maioria desistiu, casou-se ou foi completar os estudos.

Algum tempo depois do fim do Decreto, surge o Saad Esporte Clube, em 1984, em São Caetano do Sul. Naquela época, a modalidade era fruto do idealismo de algumas mulheres que queriam lutar contra os preconceitos. Para elas o futebol era viável e jogavam sem ganhar nada. Muitas vezes pagavam as próprias despesas e faziam rifas

²¹ Handball: Jogo em que duas equipes, cada qual com 7 jogadores, procuram, por meio de uma série de passes com a mão, fazer entrar a bola no gol do adversário, defendido pelo goleiro, único jogador com permissão para usar os pés.

para a equipe jogar nos finais de semana. O Saad chegou a conquistar muitos títulos, como o Troféu Brasil, a Copa São Paulo e o Campeonato Brasileiro de 1996. O empresário do time, Felício José Saad, em 1998, decidiu então investir na popularidade do futebol feminino que começava a crescer nos Estados Unidos e firmou um convênio com a National American University, localizada em Rapid City, Dakota do Sul, para dar oportunidades de intercâmbio de atletas e outros profissionais (CUNHA, 2016, p. 249).

Em 1996, um marco para a história. Pela primeira vez, o Comitê Olímpico Internacional (COI) permitiu a participação do futebol feminino nos Jogos Olímpicos, iniciada na edição de Atlanta. A Seleção dos Estados Unidos, dona da casa, ficou com o pódio e o Brasil fechou a sua participação em quarto lugar, mesma colocação dos Jogos de Sydney, na Austrália, em 2000. Quatro anos depois, em 2004, em Atenas, na Grécia, as brasileiras fizeram história ao conquistarem a sua primeira medalha com segundo lugar, após perderem a final contra os Estados Unidos, vindas de uma campanha excelente durante os Jogos. Na edição de 2008, na China, de novo a prata em um *replay* (em português, repetição) da última final. Em Londres 2012, mais uma vez a hegemonia dos Estados Unidos prevaleceu e elas levaram o ouro para casa. O Brasil caiu ainda nas quartas-de-final para o Japão. (CUNHA, 2016, p. 249). Na mais recente tentativa de conquistar o tão sonhado ouro, nos Jogos Rio 2016, em casa, o Brasil perdeu para a Suécia nas semifinais e, na disputa do bronze contra o Canadá, acabou ficando com o quarto lugar. A Seleção alemã foi a campeã deste ano.²²

De 2004 para cá, em todas essas edições dos Jogos e na grande maioria das outras participações da Seleção Brasileira, um nome deve ser destacado: Marta Vieira da Silva. Do interior do Brasil, no município de Dois Riachos, Alagoas, para o resto do mundo, ela é, entre homens e mulheres, a única atleta brasileira a conquistar cinco vezes (e seguidas) o título de melhor do mundo dado pela entidade máxima do futebol, a FIFA, entre 2006 e 2010. Marta começou a sua carreira profissional no Vasco da Gama, do Rio de Janeiro, e teve passagem pelo Santa Cruz-MG antes de ir para o *Umeå IK*, da Suécia, onde conquistou o público europeu.²³

²² Disponível em: <<http://pt.fifa.com/womensolympic/news/y=2016/m=8/news=canada-se-impo-e-contra-o-brasil-e-ganha-o-bronze-2822870.html>> Acesso em: 09/05/2017

²³ Disponível em: <<http://www.goal.com/br/news/619/especiais/2009/01/12/1057579/conhe%C3%A7a-a-hist%C3%B3ria-da-atacante-marta>> Acesso em: 09/05/2017

Depois disso, partiu para os Estados Unidos, sendo contratada em 2009 pelo *Los Angeles Sol*, onde permaneceu por um ano e logo depois, em 2010, retornou para o Brasil e jogou pelo Santos FC, em São Paulo, por empréstimo. Também neste ano, ela voltou para os Estados Unidos e foi artilheira e campeã da competição nacional pelo *FC Gold Pride*. Depois disso, teve passagens de novo pelo Santos FC, *Western New York Flash*, dos Estados Unidos, pelo *Tyresö FF*, pelo *FC Rosengård*, ambos da Suécia²⁴ e recentemente foi contratada pelo *Orlando Pride*, também dos Estados Unidos. A brasileira foi recebida como “The Greatest Of All Time” (A melhor de todos os tempos) pelo time.²⁵

O talento de Marta continua quando se fala em Seleção. Ela é a maior artilheira da história com a camisa verde e amarela, com 15 gols, enquanto Pelé, maior ídolo do futebol masculino, tem 12.²⁶ Mas toda essa carreira que acumula prêmios e mais prêmios poderia ser facilmente trocada pela jogadora por mais incentivos ao futebol feminino. A Rainha Marta, apelido que ganhou, também sofreu com as dificuldades enfrentadas por muitas no Brasil:

Eu trocaria [por mais estrutura]. Eu trocaria até mesmo todos os prêmios. Porque você ganhar cinco vezes consecutiva como a melhor jogadora e mesmo assim ter dificuldade dentro do seu país como jogadora, é uma coisa que te decepciona. Mas eu gostaria que não fosse necessário a gente trocar uma coisa ou ganhar algo para que a situação mude. Você tem que dar estrutura para que a gente chegue bem nas competições, para que a gente possa competir de forma igual com as grandes seleções que a gente vê por aí²⁷.

Em 2007, no Pan-Americano do Rio de Janeiro, Marta e cia golearam por 5x0 os Estados Unidos e levaram a medalha de ouro diante de um Maracanã lotado com mais de 60 mil pessoas. As jogadoras conquistaram o torneio invictas²⁸. De acordo com Cunha, este mesmo ano, inclusive, foi um divisor de águas para o futebol feminino no Brasil. Pressionado pelo presidente da FIFA naquela época, Joseph Blatter, que

²⁴ Disponível em: <<http://www.fifa.com/fifa-tournaments/players-coaches/people=190358/index.html>> Acesso em: 09/05/2017.

²⁵ Disponível em: <<https://www.orlandocitysc.com/post/2017/04/02/greatest-all-time-welcome-orlando-marta>> Acesso em: 09/05/2017

²⁶ Disponível em: <http://espn.uol.com.br/noticia/563554_marta-supera-pele-e-vira-a-maior-artilheira-da-historia-da-selecao> Acesso em: 09/05/2017

²⁷ Entrevista concedida à autora através de e-mails. 30/03/2017

²⁸ Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0..AA1596213-5602.00-BRASIL+E+OURO+DO+FUTEBOL+FEMININO+PANAMERICANO+COM+GOLEADA+DE+NOS+EUA.html>> Acesso em: 09/05/2017

impunha a criação urgente de uma Liga de Futebol Feminino, o então presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), Ricardo Teixeira, organizou o primeiro torneio oficial para as mulheres, a Copa do Brasil de Futebol Feminino, vencido pelo Saad Esporte Clube.

Ainda nos registros de Teresa Cristina Cunha, no ano seguinte, a segunda edição da competição iniciou no dia 1º de novembro de 2008. Entretanto, das 32 equipes que poderiam participar, nem todas puderam se inscrever, visto que a divulgação do regulamento só foi feita 15 dias antes do começo do torneio. Isso porque muitas equipes não conseguiram tempo de ter os 10 mil reais disponíveis e necessários para se inscrever. Ambas as edições não tiveram apoio da imprensa e/ou de investidores comerciais.

Conforme Cunha pondera, os times do São Francisco do Conde e do Fluminense de Feira e Clube, por exemplo, campeão e vice-campeão do Campeonato Baiano de 2007, abriram mão da única vaga para o estado baiano por falta de recursos. Na vaga, o representante no torneio foi a Associação Desportiva Lusaca, do município de Dias d'Ávila, quarta colocada no Baianão Feminino daquele ano.

Como no Brasil o futebol feminino ainda é amador, grande parte das atletas não recebe salários. Alguns clubes oferecem ajuda de custo como transporte, serviços médicos ou bolsa auxílio, com cerca de 500 reais, nos melhores casos. Na Copa do Brasil de 2008, as jogadoras dos três melhores times receberam como premiação as inscrições no Bolsa-Atleta de 2009, programa do governo que pagava salários para atletas de alta performance em diversas modalidades esportivas. Segundo Cunha, os valores variavam entre 500 e 2,5 mil reais.

De acordo com os mais recentes dados da CBF, no Brasil, existem 5 mil atletas federadas, mas apenas dois clubes são considerados profissionais - o Santos e o América-MG. Isso significa que entre diversos times de futebol, apenas esses dois oferecem salários regulares para as atletas.²⁹

Mesmo com o cenário atual, algumas mudanças já podem ser vistas e os avanços são gradativos, mas cada vez maiores. A mais recente medida tomada para incentivar o futebol feminino foi a de tornar obrigatório um time de mulheres nos clubes de futebol

²⁹ Disponível em: <http://espn.uol.com.br/noticia/679102_sangue-suor-e-filantropia-reporter-vive-rotina-de-jogadora-e-evidencia-cenario-do-futebol-feminino> Acesso em: 09/05/2017

que desejam disputar a Copa Libertadores da América³⁰. A decisão partiu de um licenciamento em conjunto entre a CBF, a FIFA e a Conmebol (Confederação Sul-Americana de Futebol) e começa a valer a partir de 2019. Dos vinte clubes que vão disputar a Série A do Campeonato Brasileiro (que é uma das formas de se conseguir vaga na Libertadores), somente sete têm times femininos. Além dos times em si, as exigências feitas pela sanção dada pelas instituições também se referem à estrutura dos clubes e profissionalização do futebol feminino.³¹

Em entrevista à autora, a jogadora Marta comentou sobre essa decisão. Segundo ela, a proposta é ótima, mas vai além do futebol:

É muito legal, é bastante motivador. Mas eu acho que teria que partir dos clubes. Não é só o esporte. É uma questão para trabalhar a igualdade de gênero, que é assunto no mundo inteiro. Esse seria um exemplo que os clubes dariam para combater essa situação e não necessariamente ter que ter a obrigação de montar uma equipe feminina para jogar um campeonato³².

Se analisarmos bem, essas “questões de gênero” são as principais responsáveis, desde o início, pela relação conturbada entre mulher e futebol. Para se ter uma ideia melhor do que os esportistas pensavam (e muitos ainda pensam) a respeito do futebol feminino no século passado, um comentário feito pelo técnico João Saldanha, que comandou o Brasil no título de duas Copas do Mundo, em 1958 e 1962, exemplifica a situação vivida pelas mulheres: “Imagina: o cara tem um filho, aí o filho arranja uma namorada, apresenta a namorada ao pai e ele pergunta: ‘O que você faz minha filha?’ E a mocinha responde: ‘Sou zagueiro do Bangu’. Não pega bem né?”(apud CUNHA, 2016, p.253)

Por fim, ficam algumas questões: Será que a potencialização muscular que o esporte traz para as mulheres, também não traz para os homens? Que outra justificativa pode existir para a diferenciação que foi dada por muito tempo para separar o que é “da mulher” e o que é “do homem”, senão a imagem da beleza e da feminilidade? E, ainda, relacionado às questões de gênero? Por que a prática de um esporte provoca perguntas sobre a orientação sexual de quem o pratica? E a mídia por sua vez, por muitas vezes

³⁰ Competição disputada entre os clubes da América do Sul e que dá vaga para o Mundial de Clubes.

³¹ Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2017/01/clube-sem-futebol-feminino-ficara-fora-da-libertadores-partir-de-2019.html>> Acesso em: 09/05/2017

³² Entrevista concedida à autora através de e-mail.

reforça uma imagem romântica da mulher e não menciona suas conquistas, méritos e trajetórias esportivas.

4- As questões de gênero e a representatividade da mulher dentro das quatro linhas

Se por muito tempo perdurou uma imagem da mulher que deveria servir para a maternidade e que era sinônimo de beleza, pureza e feminilidade, o movimento feminista serviu para, além de quebrar esse paradigma, dar voz àquelas mulheres que acreditavam que poderiam ser mais, e revelar também a questão de que não somos seres binários, ou seja, que não devemos atender somente ao masculino ou somente ao feminino.

Como foi abordado no capítulo anterior, essas questões também foram impeditivas para as mulheres que queriam ingressar no esporte, visto que o futebol, por exemplo, quando praticado por elas, era uma afronta ao que se impunha sobre o que era “feminino”. E a imprensa, é claro, mergulhada nos princípios de uma sociedade machista, noticiava com tons cômicos e de ironia as partidas de futebol feminino.

Nos dias de hoje, é notável que aquela imagem romântica e graciosa atrelada à mulher não existe mais. Mas será que é o suficiente? E a imprensa, continua seguindo os reflexos da sociedade?

4.1- O “ser mulher”

Em 1949, Simone de Beauvoir, ativista política e feminista francesa, lança seu livro denominado de “O Segundo Sexo” e muda completamente o cenário no que se entendia sobre o que era ser mulher. A emblemática frase da autora “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1949, p. 7) impactou o mundo e passou a ser repetida por mulheres das mais diversas posições.

A ativista francesa começa sua obra questionando o que é “uma mulher” para depois constatar que o “ser mulher” não é somente possuir um útero. Beauvoir conclui então que “todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher; cumpre-lhe participar dessa realidade misteriosa e ameaçada que é a feminilidade” (BEAUVOIR, 1949, p. 7). É nesta condição que reside o termo gênero, que apesar de ser conhecido há bastante tempo, ainda é complexo e difícil de definir.

Maria Eunice Guedes, ao discutir sobre o que é gênero, lembra que o linguista Aurélio Buarque de Holanda Ferreira define gênero como “classe cuja extensão se divide em outras classes, as quais, em relação à primeira, são chamadas espécies” (FERREIRA apud GUEDES, 1995, p.5). Dessa maneira, a autora afirma que seguindo a lógica do linguista, teríamos as espécies homem e mulher da classe Humana. Ferreira ainda afirma que “o termo gênero também poderia ser qualquer agrupamento de indivíduos, objetos, ideias, que tenham caracteres comuns” (FERREIRA apud GUEDES, 1995, p.5). Logo, seguindo essa lógica, teríamos assim indivíduos dos dois sexos, de novo o homem e a mulher agrupados, ou seja, o feminino para a mulher e o masculino para o homem.

Em contrapartida, muitos teóricos e teóricas intelectuais concordam que não é no momento do nascimento que se define se um sujeito é feminino ou masculino. A construção do gênero e da sexualidade dá-se ao longo da vida, continuamente. Portanto, seguem a ideia de Beauvoir. Guaciara Lopes Louro, fundadora do Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero (GEERGE), em seus estudos sobre gênero e sexualidade, afirmou que, há 65 anos, quando o livro de Beauvoir foi lançado, fazer-se mulher dependia de muitos fatores como as marcas, os gestos, os comportamentos, conforme normas e valores de uma cultura. Guaciara resume então que:

A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado. Família, escola, igreja, instituições legais e médicas mantêm-se, por certo, como instâncias importantes nesse processo construtivo (LOURO, 2008, p.18).

Louro ainda lembra que, atualmente, a mídia cumpre um papel importantíssimo nesta construção, através das novelas e publicidade, das revistas e da internet, dos sites e blogs. Além disso, dispositivos como o cinema, a música e também as pesquisas de opinião têm influência nesse processo. Vivemos mergulhados em seus conselhos e ordens e somos controlados por seus mecanismos. As preposições recortadas por essas múltiplas instâncias nem sempre são coerentes, mas estão, de uma forma ou de outra, espalhados por toda a parte e acabam por se tornar como potentes pedagogias culturais (LOURO, 2008, p.18)

Continuando com o pensamento da filósofa francesa, Beauvoir ainda ressalta que “todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher, cumpre-lhe participar dessa realidade misteriosa e ameaçada que é a feminilidade” (BEAUVOIR, 1949, p.7). O que seria então essa feminilidade? Elementos como a maquiagem, o salto alto, a cor rosa como referência, as unhas feitas e a depilação como imposição estética, além da doçura, da obrigatoriedade do casamento, da dedicação aos filhos e ao marido fariam parte dessa construção do que é “feminino”? Que mulher nunca ouviu “comporte-se como uma mocinha!” ou “senta que nem mocinha!”?

Ou seja, essas atribuições que pertencem a um determinado grupo, muitas vezes são dadas como escolhas por aqueles dispositivos que Louro determinou como pedagogias culturais. A autora afirma que “especialistas” das mais diversas áreas estão sempre nos dizendo o que vestir, como andar, o que comer (incluindo quanto e como), o que fazer para conquistar um parceiro amoroso, como se apresentar para conseguir um emprego, como ficar sensual, como ser uma boa mãe, entre outras coisas. Basicamente nos dizem como ser mulher. (LOURO, 2008, p.18).

É a partir desses dispositivos que a feminilidade é caracterizada por esses símbolos que acentuam a doçura, a gentileza e reforçam uma ideia de sociedade patriarcal. Como foi abordado nos capítulos anteriores, é por meio dessas características que se justificaria o cenário do passado em que a mulher era a esposa que cuidava da casa e dos filhos e o homem era o que trabalhava fora. No esporte, inclusive, o homem aparece através da figura do *sportman* e a mulher, como a torcedora que dá assistência ao seu marido, irmão ou pai da arquibancada.

E as mulheres que não se enquadram nesse contexto são frequentemente atacadas e ridicularizadas. No futebol, por exemplo, as atletas lidam diariamente com o machismo da sociedade que acredita que elas não deveriam estar ali. Nos Jogos Olímpicos Rio 2016, após a derrota da Seleção feminina para a Suécia nas semifinais, um comentário na internet refletiu esse machismo que por muitas vezes pode aparecer velado. Milton Neves, radialista e jornalista brasileiro especializado em esportes, publicou, em seu Twitter³³ oficial, que o “futebol feminino é igual gordo comendo

³³ Twitter: é uma rede social e servidor para microblogging, lançada em julho de 2006 nos Estados Unidos, que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos, em textos de até 140 caracteres.

salada: não tem graça nenhuma”³⁴. É nesse tipo de situação, por exemplo, que se reforça a ideia de senso comum que mulher e futebol não combinam.

Do outro lado, a masculinidade também é imposta por meios que determinam o lugar do homem numa estrutura patriarcal. Força, coragem, indiferença com os sentimentos e cuidados com a beleza, são condições atribuídas ao homem. E, assim como acontece com as mulheres, os que decidem ser “fora da curva” mesmo que seja em apenas um desses aspectos, normalmente são chamados de “bicha”, porque de alguma forma uma de suas características está mais propensa ao que é “da mulher”. Seguindo com os exemplos no mundo futebolístico, o jogador português Cristiano Ronaldo, atual melhor do mundo, foi chamado pejorativamente, é claro, de bicha pelo adversário espanhol Jorge Resurrección Merodio, mais conhecido como Koke. Ronaldo, além de jogador de futebol, também é muito conhecido pela sua vaidade e cuidados com o corpo.³⁵

Retornando ao conceito de gênero, Joan Scott, historiadora norte-americana, define que gênero está baseado nas diferenças entre os sexos e é uma forma de demonstrar relações de poder (SCOTT, 1990, p. 88). Entretanto, a proposta da historiadora encontra uma barreira no momento em que o seu conceito não pode explicar os transgêneros, que são pessoas que nasceram com o aparelho reprodutor masculino e se identificam como mulheres, ou vice-versa. É nessa questão que Louro lembra que - ainda que as normas culturais sobre o que é feminino e o que é masculino que há muito foram assentadas - é indispensável notar que atualmente multiplicaram-se os modos de compreender, de dar sentido e de viver os gêneros e a sexualidade:

Transformações são inerentes à história e à cultura, mas, nos últimos tempos, elas parecem ter se tornado mais visíveis ou ter se acelerado. Proliferam vozes e verdades. Novos saberes, novas técnicas, novos comportamentos, novas formas de relacionamento e novos estilos de vida foram postos em ação e tornaram evidente uma diversidade cultural que não parecia existir. Cada vez mais essas transformações passaram a intervir em setores que haviam sido, por muito tempo, considerados imutáveis, trans-históricos e universais. Em poucos anos, tornaram-se possíveis novas tecnologias reprodutivas, a transgressão de categorias e de fronteiras sexuais e de gênero (LOURO, 2008, p.19)

³⁴ Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/entretenimento/milton-neves-pisa-no-futebol-feminino-e-desperta-ira-das-redes/>> Acesso em: 14/05/2017

³⁵ Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-espanhol/noticia/2016/11/uma-bicha-sim-mas-cheio-de-dinheiro-diz-cr7-em-briga-com-koke.html>> Acesso em: 14/05/2017

Judith Butler, um dos nomes de referência no assunto na atualidade, ratifica a ideia de Louro quando diz que o sexo não é algo natural e o gênero não é socialmente construído. Para a autora, a divisão da concepção de gênero seria o desmonte de uma equação na qual o gênero seria configurado como o sentido, a essência, a substância. Butler propõe então a ideia de gênero como efeito no lugar de um sujeito centrado. Para ela, “o ‘ser’ um gênero é *um efeito* (grifo da autora)”. Assim, não existiriam apenas dois gêneros, o masculino e feminino, mas sim, diversos outros. (BUTLER, 1992, p.58).

Dessa forma, Louro lembra que, como parte disso tudo, uma nova política cultural vem se afirmando. É o que ela chama de política de identidades. Segundo a autora, a partir dos anos 1960, jovens, estudantes, negros, mulheres, as chamadas minorias sexuais e étnicas passaram a falar mais alto mostrando suas insatisfações, questionando conceitos, derrubando fórmulas, criando novas linguagens e construindo novas práticas sociais (LOURO, 2008. p.20). Pode-se destacar aqui então que, principalmente na atualidade, com o uso da internet, esses grupos aumentaram ainda mais seus propósitos. É o caso de termos como *genderfluid*³⁶, alguém que não tem um gênero definido, e *bigender*³⁷, alguém que tem dois gêneros - mas não necessariamente homem e mulher.

Para a autora, uma série de lutas se desencadearam para tornar visíveis, pelo menos inicialmente, outros modos de viver por parte dessas minorias sexuais e étnicas. Mas esses movimentos logo perceberam que o acesso e o controle dos espaços culturais, como a mídia, por exemplo, era dado pela voz do homem heterossexual branco. Logo, a sociedade passou a acreditar que as mulheres feministas, os gays, as lésbicas, os bissexuais, os transgêneros eram do grupo da sexualidade “desviante”.

No terreno dos gêneros e da sexualidade, o grande desafio, hoje, parece não ser apenas aceitar que as posições se tenham multiplicado, então, que é impossível lidar com elas a partir de esquemas binários (masculino/feminino, heterossexual/homossexual). O desafio maior talvez seja admitir que as fronteiras sexuais e de gênero vêm sendo constantemente atravessadas e - o que é ainda mais complicado - admitir que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira. A posição de ambiguidade entre as identidades de gênero e/ou sexuais é o lugar que alguns escolheram para viver (LOURO apud LOURO, 2008, p.21)

³⁶ Disponível em: <<http://blogs.oglobo.globo.com/ronald-villardo/post/o-novo-sexo-genero-fluido-homem-um-dia-mulher-no-outro-570284.html>> Acesso em: 14/05/2017

³⁷ Disponível em: <<http://www.dailymail.co.uk/femail/article-2919585/Bi-gender-teenager-lives-life-man-woman.html>> Acesso em: 14/05/2017

Apesar disso, se hoje as categorizações binárias não dão mais conta das possibilidades de identidades, não quer dizer que esses sujeitos sejam igualmente considerados. Hoje, ainda como era antes, a sexualidade “permanece como alvo privilegiado da vigilância e do controle das sociedades. Ampliam-se e diversificam-se suas formas de regulação, multiplicam-se instâncias e as instituições que se autorizam a ditar-lhe normas” (LOURO, 2008, p. 21). Ainda de acordo com Guaciara Louro, nós aprendemos a viver o gênero e a sexualidade na cultura, através dos discursos repetidos da mídia, da igreja, da ciência e das leis através dos discursos dos movimentos sociais e dos vários dispositivos tecnológicos. Logo, as possibilidades de viver os gêneros e as sexualidades se ampliaram.

Dessa forma, ainda que se constituam diversas possibilidades de gênero e inúmeras alternativas para se pensar essas questões, é inegável que a mulher ainda tenha que passar por inúmeras dificuldades pelo fato de apenas se identificar como mulher ou não. Mesmo com o empobrecimento do pensamento que insiste em colocar a mulher no papel de fragilidade, o tal “sexo frágil”, por muitas vezes reflete no discurso da sociedade, principalmente no da imprensa, que corrobora com a divisão desigual entre homens e mulheres. Veremos, pois, a seguir, que a mídia continua a cumprir o papel de fomentadora da separação entre o que é “da mulher” e o que é “do homem”.

4.2 - O espaço oculto na mídia e o surgimento de caminhos alternativos

As relações entre a mídia e o futebol expressam um relevante significado social. Como já foi visto, grande parte do sucesso no futebol deu-se através da imprensa que cumpriu e ainda cumpre o papel de difundir o esporte pelo país. Apesar disso, não é possível dizer que esse tratamento dado ao futebol masculino também é dado ao feminino. Quando o assunto é gênero, a mídia, dominada pelo homem hétero e branco, reitera o preconceito contra as mulheres que decidem jogar bola. Esse fato, entretanto, como relataram os autores Sterkenburg e Knoppers em seus estudos sobre esporte e discriminação, não é próprio da cultura brasileira:

Não interessa qual país e evento são estudados, os resultados consistentemente mostram que os esportes envolvendo mulheres são proporcionalmente mal representados na mídia esportiva e considerados como de menor emoção e de menor dignidade para

notícias do que os esportes envolvendo homens (apud MARTINS & MORAES, 2007, p.70)

Logo, entende-se que as questões de gênero relatadas no tópico anterior, são as principais causas da falta de visibilidade da mulher na mídia de um modo geral. Porém, este trabalho pretende tentar entender o que acontece no Brasil, visto que o país é considerado o “país do futebol” mas não parece dar a mesma oportunidade a todos.

Segundo mostram Juliana Souza e Jorge Knijink, em seus estudos sobre a imagem da mulher no esporte, apesar da crescente em que vem a participação das mulheres, nota-se que elas ainda estão submetidas a padrões relacionados ao corpo e à sexualidade. E estes estereótipos estão, sem dúvida, ligados à mídia. Mídia essa que também é denominada de quarto poder nas democracias (ao lado dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário), justamente por ser capaz de exercer forte influência na vida humana. Dessa forma, os dois autores chamam a atenção para o que a imprensa fortalece como imaginário social coletivo, ou seja: “as representações que os vários grupos sociais fazem de determinados eventos e personagens, os mitos e ‘ideias gerais’ que nem sempre coincidem com a verdade, mas que são versões mais difundidas” (SOUZA & KNIKINK, 2007, p.36)

Ainda para os autores, se é a mídia quem cumpre o papel de filtrar e decodificar diversos processos de mediação social, as identidades de gênero e sexuais também aparecem e são ilustradas, repetidamente por meio de rótulos que reforçam preconceitos, estigmas e, muitas vezes, efetivam discriminações contra aqueles e aquelas que não se enquadram nos padrões pré-moldados (SOUZA & KNIKINK, 2007, p. 37)

Corroborando com esta ideia, Maria Genny Caturegli, lembra que, na verdade, o futebol em si nunca foi o problema. O problema é a subversão de papéis entre homens e mulheres. Elas deveriam ser apenas responsáveis por cuidar do lar e da família. Para Caturegli, o problema atual do esporte feminino é o resultado de toda a retaliação sofrida ao longo dos anos. E a imprensa teve contribuição considerável para que a prática esportiva entre as mulheres fosse proibida (CATUREGLI, 2006, p.3)

Desta forma, percebe-se o quão profunda é a relação entre mídia e esporte. São dezenas de publicações específicas, canais de televisão exclusivos, programas no rádio, jornais especializados. Tudo isso faz com que as imagens e representações esportivas

sejam na sua maioria influenciadas pela mídia, já que muitas pessoas só tomam conhecimento de determinado evento esportivo através da imprensa (KOIVULA apud SOUZA & KNIKINK, 2007, p. 37).

Essa relação quase que determina uma dependência, visto que muitas federações e até mesmo os próprios atletas se adequam às exigências da mídia, como é o caso das grades de programação dos meios de comunicação para conseguir mais destaque, aparições e possíveis patrocinadores. Sem a cobertura da mídia, a popularidade e o rendimento gerado por espectadores comerciais de esportes seriam limitados (COAKLEY apud SOUZA & KNIKINK, 2007, p. 38)

Com relação ao futebol feminino, a imprensa, como se não bastasse a preferência pelo futebol masculino, ainda trata a modalidade e as mulheres jogadoras com tom de chacota e olhar machista. Uma pesquisa realizada pela Universidade de Cambridge, que analisou reportagens e comentários sobre os Jogos Olímpicos, revelou essa discrepância entre homens e mulheres no esporte. Segundo os dados coletados, o termo “homens” ou “homem” aparece três vezes mais do que “mulher” ou “mulheres” na seção de esportes. Além disso, o estudo revelou que quando o assunto é mulher, os aspectos da vida pessoal são exaltados. Nas matérias com as atletas campeãs, as palavras “envelhecida”, “mais velha”, “grávida”, “casada” ou “não casada” são referenciais para as mulheres, enquanto que para os homens os termos que aparecem são “mais rápido”, “forte” e “grande”. Inclusive quando o assunto é desempenho, a vantagem dada para os homens também sobressai. Para eles, as palavras são “mentor”, “vencer”, “ganhar” e “dominar”. Já para as mulheres, são “competição”, “participação” e “esforço”. Ainda de acordo com a pesquisa, os esportes em que isso é mais provável de acontecer são: atletismo, golfe, equitação, ciclismo, corrida e futebol.³⁸

Outro exemplo, dessa vez no Brasil, foi dado pelo jornal Manaus Hoje³⁹, da cidade de Manaus, no dia 12 de dezembro de 2016. A Seleção Brasileira estava no Torneio Internacional de Futebol Feminino, mais conhecido como Torneio Internacional de Manaus, competição realizada anualmente desde 2009 entre diversas Seleções do mundo e organizada pela CBF, e havia vencido as jogadoras da Rússia, por 4 a 0, na Arena da Amazônia, garantindo vaga na final do torneio. A manchete do

³⁸ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/esportes/pesquisa-revela-machismo-em-reportagens-comentarios-sobre-as-olimpiadas-19899414>> Acesso em: 16/05/2017

³⁹ Periódico que é veiculado na cidade de Manaus, no Amazonas.

jornal era “Meninas dão de quatro”, tentando fazer referência ao placar por quatro gols de diferença.⁴⁰ Alguns dias depois, o jornal admitiu ter errado e prometeu uma nota pedindo desculpas pela manchete. Em seu caderno de esportes, o Manaus Hoje retratou o ocorrido dizendo “Meninas, nos perdoem”.⁴¹

A objetificação da mulher no futebol também reforça o ambiente machista. Em 2016, o Clube Atlético Mineiro, ao apresentar seus novos uniformes para a temporada, demonstrou o quanto o homem ainda domina o futebol. Durante a apresentação, os homens desfilaram de camisa, bermuda, meião e chuteira. Na vez das mulheres, elas apareceram de camisa e com biquínis na parte de baixo e de salto alto. Além disso, na etiqueta da camisa que foi entregue aos jornalistas no dia da apresentação estava escrito, ao lado da imagem de como lavar o uniforme, “*Give it to your wife*” (Dê para a sua mulher). O clube, ao perceber a reação negativa que o desfile teve, afirmou que o evento era de responsabilidade da fornecedora, a *DryWorld*. Esta, por sua vez, publicou uma nota nas redes sociais pedindo desculpas pelo ocorrido, mas afirmou não ter aprovado o desfile, apesar de assumir responsabilidade pela etiqueta.⁴² Analisando o caso, ficam as perguntas: será que as mulheres jogam de biquíni e de salto alto? Qual seria a relevância desse tipo de produção em um desfile que tinha como intuito apresentar uniformes, senão apenas colocar o corpo da mulher em evidência?

Em um caso mais recente, o Sport Club Corinthians divulgou seus novos uniformes para a temporada de 2017 e acabou encontrando um “problema” no caminho: as suas torcedoras. Os clubes de futebol, normalmente, têm três uniformes oficiais, além dos de treino. A empresa fornecedora do time, a Nike, que faz os uniformes para o clube, não produziu camisas do segundo uniforme na versão feminina, o que gerou discussão na internet. Através da *hashtag*⁴³ Respeita As Torcedoras Nike, diversas corinthianas comentaram sua insatisfação na internet. A empresa, por sua vez, divulgou uma nota afirmando que a demanda do público feminino é sempre pela primeira camisa e que “segundo essa tendência de mercado, a nova segunda camisa não será

⁴⁰ Disponível em: <<http://torcedores.uol.com.br/noticias/2016/12/manaus-hoje-faz-manchete-machista-sobre-selecao-feminina>> Acesso em: 16/05/2017

⁴¹ Disponível em: <<https://www.msn.com/pt-br/noticias/brasil/ap%C3%B3s-publica%C3%A7%C3%A3o-desrespeitosa-%E2%80%9Cmanaus-hoje%E2%80%9D-faz-retrata%C3%A7%C3%A3o/ar-AAIw5nT>> Acesso em: 16/05/2017

⁴² Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/times/atletico-mg/noticia/2016/02/torcedores-do-galo-criticam-tom-machista-no-desfile-do-novo-uniforme.html>> Acesso em: 16/05/2017

⁴³ Hashtag é uma expressão bastante comum entre os usuários das redes sociais, na internet. Consiste de uma palavra-chave antecedida pelo símbolo #, conhecido popularmente no Brasil como “jogo da velha”.

comercializada no modelo feminino”.⁴⁴ O que nos faz questionar, será que não há vendas porque não tem quem compre ou não compram porque não existem produtos à venda?

Doiara dos Santos e Ana Gabriela Medeiros, ao estudarem o futebol feminino no discurso televisivo, notaram o quanto a estética ainda está atrelada a mulher. Durante a partida entre Santos Futebol Clube (Brasil) e Club Desportivo EnFomma (Bolívia) pela Copa Libertadores Feminina, o narrador Luciano do Valle (LV) e Osmar de Oliveira (OS), da TV Bandeirantes, mostram em seus discursos essa questão da estética feminina.

LV: “[...] Olha lá, partiu... jogada ensaiada, bela defesa da goleira boliviana Lizeth Velasco. Ela é fortinha em?”

OS: “Aliás, todo o time aí está precisando de um regime.”

LV: “Santa Cruz de La Sierra tem grandes restaurantes viu? É diferente de La Paz. (Risos)”

LV: “[...] Olha o Brasil, mais uma vez, liberdade, precisa ver se a goleira chega primeiro, chegou! Boa saída da Lizeth Velascos, jogando com seu bonezinho. ‘Tá’ certo que o sol não apareceu, mas, ela botou o boné acho que pra mais arrumar o rabinho de cavalo. São detalhes que o futebol feminino podem [sic] apresentar para o locutor. Se bem que houve uma época que teve muito argentino com o cabelo assim jogando.”

LV: “[...] Mas ‘ó’ quem ‘tá lá... ó’ quem vai tentar buscar, correu, bola fora! ‘Tá’ voltando ali a Marta. O cabelo da Marta ‘tá’ bem arrumado ‘né’? [...]” LV: “[...] Pega mal na bola a Dani, ‘tá’ retornando a Dani com o seu cabelo solto.” (SANTOS & MEDEIROS, 2012, p. 188)

Além da linguagem de cunho machista, a questão dos ídolos também merece ressalva. Como já foi abordado neste trabalho, é claro que a desempenho em campo conta, mas os ídolos no futebol são fortificados pela imprensa. Não é à toa que muitos viram comentaristas dos canais esportivos. Mas a situação no futebol feminino não é a mesma.

O que diversas pesquisas ao redor do mundo vêm mostrando é que meninas e mulheres têm poucas atletas em quem possam se espelhar, porque, apesar das atletas estarem sendo bem sucedidas, nos esportes, suas conquistas têm sido constantemente ignoradas pela mídia. Essa falta de exposição da participação feminina no esporte faz com que a sociedade acredite que este não é importante e não merece respeito (TOOHEY apud SOUZA & KNIJNIK, 2007, p. 38).

⁴⁴ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/atletico-mg/noticia/2016/02/torcedores-do-galo-criticam-tom-machista-no-desfile-do-novo-uniforme.html>> Acesso em: 16/05/2017

É o caso da Marta, camisa 10 da Seleção brasileira, que, mesmo com cinco títulos de melhor do mundo e inúmeras outras conquistas na carreira, não chega nem perto do reconhecimento e apoio de um jogador em ascensão no futebol masculino. Soraya Januário analisou o discurso da mídia com relação à jogadora durante a Copa do Mundo de 2015 e constatou que Marta tem sido o principal “produto” que representa o futebol feminino brasileiro. Termos como “Brasil de Marta”, “Marta e Cia”, “Seleção de Marta” são usados constantemente como sinônimos de Brasil. Logo, a dependência da jogadora na Seleção e a necessidade de que seu desempenho seja sempre bom influencia na sua imagem perante a mídia (JANUÁRIO, 2017, p. 37)

Para Soraya, mesmo com a visibilidade conferida à jogadora, parece que existe uma necessidade de compará-la com o universo masculino, levando a uma diminuição da importância do seu trabalho, “como se esporte feminino fosse uma reprodução do masculino” (JANUÁRIO, 2017, p. 41). Neste caso, podemos enxergar essa prática quando o próprio Pelé, ídolo brasileiro e mundial no futebol, chamou a Marta de “Pelé de saia”, durante uma entrevista na apresentação da candidatura do Rio de Janeiro como cidade-sede para os Jogos Olímpicos Rio 2016. Segundo o futebolista, “a Marta é a Pelé de saia. Há muitos anos a gente tem percebido a capacidade dela, é uma das grandes jogadoras do futebol feminino”.⁴⁵

Se Marta que é referência quando se trata de futebol feminino no Brasil e também no mundo, mesmo com as comparações e linguagens machistas, tem alguma visibilidade no cenário esportivo, o mesmo não acontece com as demais jogadoras. A diferença na cobertura entre o futebol praticado pelos homens e o futebol praticado pelas mulheres é evidente. Para isso, a mídia costuma dar como uma das justificativas o fato de consumidores de jornais e revistas e da audiência em programas esportivos serem, em sua maioria, o público masculino. Entretanto, de acordo com dados levantados nos Jogos Olímpicos de Sydney 2000, as mulheres correspondiam a 40% da audiência e não havia diferença significativa na audiência durante a cobertura de esportes praticado por homens e mulheres (CAPRANICA & AVERSA apud SOUZA & KNIJNIK, 2007, p. 43).

Para Soraya Januário, Marta é uma exceção. É preciso que se tenha mulheres na gestão esportiva, no campo tático e técnico. Além disso, é preciso dar visibilidade para

⁴⁵ Disponível em: <<http://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3119766-EI10378,00-Pele+diz+que+Marta+e+sua+versao+de+saia.html>> Acesso em: 16/05/2017

além da Marta, para atletas de alto desempenho também no cenário nacional. As jogadoras de futebol nunca serão levadas a sério enquanto o futebol for comandado somente por homens.

É preciso uma mudança cultural para que de fato as mulheres recebam o incentivo necessário na profissão. Urge a necessidade de uma maior visibilidade da prática do esporte por mulheres na cobertura da mídia. A disseminação de um discurso mais equânime acerca da participação de homens e mulheres em um esporte que se configura como fenômeno social e popular, como o futebol, é também promover uma mudança na cultura e na sociedade (JANUÁRIO, 2017, p.43)

Neste caso, vale ressaltar o grande avanço dado pela Seleção Brasileira recentemente. Pela primeira vez na história, uma mulher está no comando da Seleção feminina. Emily Lima foi nomeada como técnica após a saída de Vadão, que em seu último trabalho, esteve à frente da Seleção nos Jogos Rio 2016. Apesar da representatividade que Emily carrega ao ser nomeada, ainda sim ela precisa provar sua competência. Em entrevista ao site Trivela⁴⁶, o portal lembrou que Marco Aurélio Cunha, coordenador de futebol feminino da CBF, declarou: “Não têm mulheres na comissão técnica da seleção feminina atualmente, estou pensando em dar essa contribuição, mas é preciso ter mulher preparada, capacitada”. Em resposta, a nova treinadora afirmou que “existem mulheres, só que eles não vão ver. Já foram pesquisar? Quem disse que o treinador que assumiu ou que vai assumir é capacitado? A gente não sabe também. A gente está falando de futebol feminino”.⁴⁷

No âmbito internacional, a FIFA também deu seus primeiros passos para aumentar a visibilidade para as mulheres. Em 2016, a federação confirmou a criação um departamento de futebol feminino comandado também por uma mulher. Sarai Bareman, ex-jogadora neozelandesa e que trabalhava como vice-secretária geral da Confederação de Futebol da Oceania (OFC), foi a escolhida.⁴⁸

No lado da mídia, um grande passo foi dado no dia 8 de março de 2016, dia internacional da mulher. A ESPN, TV americana de esporte que possui canais no Brasil, lançou nesta data o ESPNW, portal com foco no público feminino. Segundo a emissora,

⁴⁶ Portal de notícias especializado no futebol que tem como foco além das notícias diárias, reportagens especiais sobre a modalidade. Disponível em: <<http://trivela.uol.com.br/licenciamento/?tp=conteudo>> Acesso em: 16/05/2017

⁴⁷ Disponível em: <<http://trivela.uol.com.br/emily-lima-o-homem-nao-precisa-provar-que-e-capaz-de-ser-tecnico-a-gente-precisa-a-cada-dia/>> Acesso em: 16/05/2017

⁴⁸ Disponível em: <<http://trivela.uol.com.br/antes-tarde-do-que-nunca-fifa-cria-departamento-de-futebol-feminino-comandado-por-uma-mulher/>> Acesso em: 16/05/2017

o objetivo é fomentar o esporte feminino no cenário nacional. Dividido em quatro áreas, notícias, *lifestyle*, especiais e blogs, mulheres com relação no mundo esportivo publicam diariamente no portal assuntos dos mais diversos. Comentaristas, ex-atletas e jornalistas são as responsáveis pelas publicações.⁴⁹ Em 2016, a plataforma se expandiu para a TV e ganhou um programa com horário fixo na programação em um dos canais da empresa, o ESPN+. Transmitido todas as quartas-feiras, às 19h30, quando a repórter e a comentarista, respectivamente, Marcela Rafael e Flávia Delaroli apresentam o programa e recebem convidadas diferentes a cada semana.⁵⁰

Ainda que, com essas novas medidas, o avanço venha acontecendo, nos últimos anos, o futebol feminino encontrou na internet e, principalmente nas redes sociais, um local para se fortalecer. Cláudia Samuel Kessler, em sua tese sobre o futebol feminino no Brasil e nos Estados Unidos, faz uma ressalva para o que ela chama de “militantes do futebol feminino”, que cumprem o papel de suprir o espaço deixado pela mídia tradicional. Em sua maioria sem formação jornalística, esses colaboradores divulgam notícias sobre a modalidade e fazem análises sob outras perspectivas (KESSLER, 2015, p. 229).

No espaço digital podemos identificar diversos sites e páginas no Facebook que cumprem essa função. O site Dibradoras (<http://dibradoras.com.br/>), criado em maio de 2015, tem lutado por mais espaço para as mulheres na mídia. O futebol é o enfoque, mas outros esportes também são abordados. A equipe é formada pela publicitária Angélica Souza, as jornalistas Renata Mendonça e Roberta Nina, a designer Nayara Perone e a internacionalista Júlia Vergueiro. Seu objetivo é destacar a participação e os feitos das mulheres no esporte. Além disso, elas também estão presente nas redes sociais, como o Facebook⁵¹, o Twitter e o Instagram⁵². No site, é possível encontrar notícias, crônicas, e muitos artigos de opinião. O Dibradoras também tem um podcast (arquivo de áudio) que frequentemente traz atletas ou figuras esportivas para debater sobre esporte.⁵³

⁴⁹ Disponível em: <http://espn.uol.com.br/noticia/583426_espn-lanca-novo-portal-com-foco-no-publico-feminino> Acesso em 16/05/2017

⁵⁰ Disponível em: <<http://espnw.espn.uol.com.br/canais-espn-estream-olhar-espnw-o-espaco-da-mulher-no-mundo-e-no-esporte/>> Acesso em: 16/05/2017

⁵¹ Rede social fundada em 2004 que conecta pessoas de diversas partes do mundo. Dentro da rede há ainda páginas e grupos de discussão para os mais variados assuntos e um bate-papo disponível.

⁵² Rede social de fotos que pode ser baixado no celular e, a partir dele, é possível tirar fotos, aplicar efeitos nas imagens e compartilhar com seus amigos.

⁵³ Disponível em: <<http://dibradoras.com.br/apresentacao/>> Acesso em: 16/05/2017

Entretanto, como visto, os avanços vêm acontecendo, ainda que seja uma de forma gradativa.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Popularizada nas redes sociais, a #LugarDeMulherÉ ganhou muita força nos últimos anos. Em resposta aos comentários machistas como “Lugar de mulher é na cozinha”, as mulheres se mobilizaram para mostrar o seu empoderamento. Esse movimento também chegou ao universo esportivo. Com as variações de #LugarDeMulherÉNaArquibancada, #LugarDeMulherÉNoCampo, #LugarDeMulherÉOndeElaQuiser, o público feminino que se identificava com o esporte logo mostrou uso efetivo dessas *hashtags* quando os problemas, que são frequentes, envolvendo mulheres e futebol, eram discutidos na internet.

Se #LugarDeMulherÉOndeElaQuiser, seja dentro do campo de futebol jogando ou na arquibancada torcendo, a discriminação por gênero já não pode mais ser motivo para impedir que uma mulher faça uma atividade esportiva da qual ela gosta.

Este trabalho procurou trazer as principais questões que envolvem a relação entre futebol e mídia no Brasil. Como foi abordado, o futebol chegou no país como mais um artefato trazido pelos ingleses e não agradou a todos que estavam em solo nacional. A modalidade chegou como privilégio da elite, que tinha acesso aos produtos importados, e enfrentou dificuldades até se estabelecer como paixão nacional. As classes mais altas, para evitar que o futebol caísse no gosto popular, iniciaram uma série de medidas para impedir o contato com as classes mais baixas. Os negros foram os mais afetados, porque eram os que mais ocupavam essas classes. As medidas, entretanto, não deram certo. E o futebol, que uma vez foi exclusividade das elites, começou a se espalhar por todos os lugares do país.

Fomentando a popularização, a imprensa foi, e ainda é, a ferramenta fundamental para tal. Os meios de comunicação estiveram presentes durante todo o processo de instauração do futebol no Brasil e continuaram a exercer o seu papel de forma assídua desde então. Os cronistas ganharam espaço relevante principalmente no Rio de Janeiro, por conta da forma romântica de falar sobre o esporte. É também por causa dos meios de comunicação que os ídolos no futebol ganharam o status de herói e são vangloriados até hoje.

Para as mulheres, entretanto, o caminho foi diferente. A elas não foi dada a opção de escolher qual modalidade praticar. De acordo com o que era determinado pela sociedade patriarcal, as mulheres participavam, ou não, de uma atividade esportiva. O

futebol, que rapidamente virou febre nacional entre os homens, foi proibido durante anos para as mulheres, porque era considerado agressivo demais para o corpo frágil da mulher que devia ser preservado e bem cuidado, já que era dela a missão de carregar uma nova vida para procriar e dar continuidade à família. Depois de tanto tempo sem ter o contato liberado legalmente com o futebol, a modalidade não se desenvolveu para as mulheres como se desenvolveu para os homens.

Foi através deste contexto que o trabalho abordou as questões de gênero no esporte. Por muitos anos, o domínio masculino foi total perante as mulheres. Conforme os anos passaram, as sociedades evoluíram e ficou claro que essa relação desigual de poder não poderia mais ser dominante. As mulheres lutaram para buscar seu espaço em diversas áreas e inclusive no futebol. A separação entre homens e mulheres não é mais suficiente para explicar a atual sociedade em que vivemos. Como foi apresentado, o gênero é constituído por uma multiplicidade de significados e por isso não existem mais razões para colocar mulheres como seres inferiores.

Apesar disso, o jornalismo esportivo, que ainda é regido por padrões masculinos, ainda não consegue apresentar o futebol feminino e o masculino de forma democrática. Conforme foi abordado através de exemplos neste trabalho, o machismo ainda é motivo para a pouca visibilidade dada às mulheres nos campos de futebol. Por isso, as redes sociais foram assinaladas como uma forma alternativa de noticiar, debater e divulgar o futebol feminino. Além delas, os sites e *blogs* que se encarregam de fazer o papel da mídia tradicional também foram apresentadas como alternativa para um futuro melhor na modalidade.

É preciso reconhecer, entretanto, que essas questões não se encerram aqui. Faz-se necessário abordar outros temas para dar continuidade ao estudo dessas questões. Um caminho interessante seria questionar essa mesma visibilidade em outros esportes, como por exemplo, o vôlei. Por que no vôlei não existem questionamentos sobre a qualidade das jogadoras? E, ainda, por que a mídia transmite jogos de vôlei feminino e não do futebol feminino? Outro viés seria aprofundar a imagem da jogadora Marta. Por que ela é a única brasileira, entre homens e mulheres, com cinco prêmios de melhor do mundo e, mesmo assim, não chegou no patamar de ídolo nacional, como tantos atletas homens com uma trajetória menos vitoriosa? Por fim, seria proveitoso entender melhor a importância que as novas mídias têm para as lutas das mulheres, especialmente no

tocante à representatividade, seja dentro ou fora de campo. Diante da falta de interesse das mídias tradicionais, como as redes sociais e os sites podem contribuir para dar mais visibilidade ao futebol feminino?

BIBLIOGRAFIA

ANTUNES, Fátima Martins Rodrigues Ferreira. “**Com brasileiro não há quem possa!**” – **Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues**. São Paulo: Ed. Unesp, 2004.

ASSIS, Ronaldo Martins de, VIEIRA, José Jairo. “O trio de erre’s e Felipão divulgados pela Folha de São Paulo”. In. XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belo Horizonte. Anais do 26. Belo Horizonte: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Núcleo de Pesquisa Mídia Esportiva, 2003.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Vol 2. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1980.

BUTTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2003.

CALDAS, Waldenyr. **O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro**. São Paulo: Editora Ibrasa, 1990.

CATUGAREGLI, Maria Genny; CASTRO, Caio Casagrande; MAROLO, Paula. “A problemática da imprensa na cobertura do futebol feminino brasileiro”. In: Revista Videre Futura. Ano 1, v.1, jan/jul. 2012

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. 4ª edição, 1ª reimpressão, São Paulo, Contexto, 2013.

CUNHA, Teresa Cristina de Paiva. “O início do futebol feminino no Brasil”. In: **Mulheres Na Área: Gênero, diversidade e inserções no futebol**. Porto Alegre, Editora UFRGS, 2016.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. “O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV”. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 28, n1, p. 151-162, jan./abr. 2002.

FRANZINI, Fábio. "A futura paixão nacional: chega o futebol". In: PRIORE, Mary; MELO, Victor. (orgs.). **História do Esporte no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

_____. “Futebol é "coisa para macho"? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol” In: Revista Brasileira de História. vol.25, n.50, São Paulo, jul/dez. 2005.

GOELLNER, Vilodre, Silvana. "Imagens da mulher no esporte". In: PRIORE, Mary; MELO, Victor. (orgs.). **História do Esporte no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

GUEDES, Simoni. "Futebol e identidade nacional: reflexões sobre o Brasil". In: PRIORE, Mary; MELO, Victor. (orgs.). **História do Esporte no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

HELAL, Ronaldo. "Futebol do Heróis e Ídolos, Mídia". In: Revista de Comunicação, Movimento e Mídia na Educação Física, Santa Maria, vol.2, CEFD/UFSM, 1999.

LOURO, Guaciara Lopes. "Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas". In: Pro-posições, Campinas, v. 19, n.2, p.17-23, 2008.

KESSLER, Cláudia. "Mais que Barbies e Ogras: Uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos". 2015. 375f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofias e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

_____ (org). **Mulheres Na Área: Gênero, diversidade e inserções no futebol**. Porto Alegre, Editora UFRGS, 2016.

MARTINS, Leonardo; MORAES, Laura. "O futebol feminino e sua inserção na mídia: A diferença que faz uma medalha de prata". In: Revista Pensar a Prática. v.10, n.1, 2007

MOURA, José Eriberto Lessa. "As relações entre lazer, futebol e gênero". 2003. 125f. Tese (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

MOURÃO, Ludmilla; MOREL, Marcia. "As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo". In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas, v.26, n.2, jan. 2005.

PRIORE, Mary; MELO, Victor. (orgs.). **História do Esporte no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

SANTOS, Doiara Silva dos; MEDEIROS, Ana Gabriela Alves. "O Futebol Feminino no Discurso Televisivo". Revista Brasileira de. Ciência e Esporte, Florianópolis, v. 34, n. 1, jan./mar. 2012

SANTOS, Ricardo Pinto dos. “Tensões e consolidações do futebol nacional”. In: PRIORE, Mary; MELO, Victor. (orgs.). **História do Esporte no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

SCOTT, Joan. **Gender: a useful category of historical analyses**. New York. Columbia University Press, 1989.